



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**



LUANNA RAQUEL DE LIMA SOUZA

**A CAUSA REVELADA – UMA ANÁLISE DO CONTO A CAUSA SECRETA EM
RELAÇÃO À CRUELDADE NA CONDIÇÃO HUMANA**

Serra Talhada
2020

LUANNA RAQUEL DE LIMA SOUZA

**A CAUSA REVELADA – UMA ANÁLISE DO CONTO *A CAUSA SECRETA* EM
RELAÇÃO À CRUELDADE NA CONDIÇÃO HUMANA**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Unidade Acadêmica de Serra Talhada da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. José Antônio Feitosa Apolinário

Serra Talhada
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S729c Souza, Luanna Raquel de Lima
A causa revelada - uma análise do conto A Causa Secreta em relação à crueldade na condição humana / Luanna Raquel de Lima Souza. - 2020.
56 f.
- Orientador: Jose Antonio Feitosa Apolinario.
Inclui referências.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Letras, Serra Talhada, 2020.
1. A Causa Secreta. 2. Machado de Assis. 3. Crueldade. 4. Friedrich Nietzsche. 5. Clément Rosset. I. Apolinario, Jose Antonio Feitosa, orient. II. Título

Luanna Raquel de Lima Souza

TÍTULO

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Unidade Acadêmica de Serra Talhada da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Aprovado em: 29 de Outubro de 2020.

Membros da banca avaliadora

Prof. Dr. José Antônio Feitosa Apolinário (Presidente) (UFRPE)

Profa. Dra. Maria do Socorro Pereira de Almeida (UFRPE)

Prof. Dr. Jean Paul d'Antony Costa Silva (UFS)

*Dedico esse trabalho à Ledivânia,
minha mãe, e à Audeni, meu pai.
Essa caminhada só foi possível por
ter vocês ajudando em cada passo
que dei. Tudo só o é por vocês.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente minha gratidão é voltada a Deus, por me possibilitar alcançar essa conquista. Na mesma proporção, minha gratidão se direciona à Ledivânia Pereira, a qual esteve presente em cada etapa – não só deste trabalho – como da minha vida. Sem você provavelmente eu não teria sido capaz de realizar essa conquista, ‘mainha’. A orientação da minha imensurável gratidão vai agora para o meu pai, Audeni Freire de Souza, o qual foi essencial em toda minha caminhada, estando presente em cada etapa dela – mesmo que, infelizmente, a sua presença física tenha se encerrado antes do tempo.

Agradeço aos meus irmãos: tanto Lucas Rafael, que é o irmão que divide comigo o apoio e amor dos meus pais; como também Vinícius Souza, o irmão que minha tia me deu. Também a cada componente da minha família, que nutrem amor e carinho por mim.

Gratidão a cada profissional docente que passou pelo meu caminho antes da universidade, me inspirando, contribuindo e tornando possível essa conquista. E também aos meus professores universitários, os quais contribuíram de maneira direta para a formação, tanto da profissional, como da pessoa Luanna. Em especial agradeço aos meus mestres Jean Paul d’Antony – por todo o empenho, todo aprendizado e pela exacerbada paciência – e a José Antônio Feitosa Apolinário – o qual me guiou da melhor e mais eficiente forma nesse processo, mantendo sempre todo carinho, toda atenção e toda dedicação possíveis. Ainda no âmbito do ensino, agradeço também a Capes e ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – PIBID, por ter me concedido a bolsa e me proporcionado a experiência da docência.

Para encerrar, reservei este espaço para agradecer aos amigos que estiveram comigo nessa caminhada – e na vida! Como são muitos, citarei aqui apenas os nomes daqueles que tiveram influência direta no processo deste trabalho. Dayane Rodrigues obrigada por me ajudar sempre que precisei; mas acima de tudo, obrigada por dividir tua vida e tua amizade comigo. À Jéssica Itaiane eu também dedico parte significativa da minha gratidão, por sempre me impulsionar tanto a concluir o TCC, como a ser sempre uma pessoa melhor. À Raquel Alves, que também esteve sempre ao meu lado com sua motivação e apoio incondicional. À ‘meu bem’, Aline Lima, minha parceira de graduação, de bolsa, de farras e de vida. E à Rosi Vieira, por todo o apoio e suporte, tanto neste trabalho, como em nossa amizade. Aos não citados de maneira direta, minha gratidão também é imensa, mas o espaço para agradecimentos no trabalho é curto. Porém saibam que sou grata por cada um que faz parte da minha vida. Mesmo que de maneira indireta, vocês contribuíram para que este trabalho pudesse ser concluído.

A todos, infinita gratidão!

“A moral é uma, os pecados são diferentes.”

Machado de Assis

RESUMO

O presente trabalho consiste em uma análise do conto *A Causa Secreta*, do autor brasileiro Machado de Assis; caracterizando-se como analítico literário com embasamento filosófico – um trabalho literário-filosófico –, tendo por objetivo analisar o conto, a fim de solucionar a seguinte problemática: é possível realizar a reflexão de como a crueldade pode se manifestar na condição humana a partir da leitura e análise do conto? Com a intenção de responder a tal questão, trouxemos à discussão as teses abordadas nas filosofias de Friedrich Nietzsche, nas obras *Genealogia da Moral* (dissertações 01 e 02) e *Aurora*, e Clément Rosset, em suas obras *O Princípio de Crueldade* e *Lógica do Pior*, os quais fomentam reflexões acerca de moral, culpa, má consciência, trágico e real. Essas ideias nos permitiram pensar a crueldade dentro do conto, constituindo os desenhos psicológicos dos personagens analisados e sua possibilidade de sua expressão na condição humana, fundamentando a vida. O que nos levou à conclusão de que a crueldade pode se manifestar de diferentes formas nas condições humanas de cada ser, bem como em suas ações e relações, refletindo os conceitos filosóficos – má consciência, culpa, moral, real e trágico – que a permeiam.

Palavras-chave: *A Causa Secreta*; Machado de Assis; Crueldade; Friedrich Nietzsche; Clément Rosset.

ABSTRACT

This present work consists of an analysis of the short story *A Causa Secreta*, by the Brazilian author Machado de Assis; characterized as a literary analytic with a philosophical foundation - a literary-philosophical work -, with the objective of analyzing the short story, in order to solve the following problem: is it possible to reflect on how cruelty can manifest itself in the human condition from reading and analyzing the story? With the intention of answering this question, we brought to the discussion the theses addressed in the philosophies of Friedrich Nietzsche, in the works *Genealogia da Moral* (dissertations 01 and 02) e *Aurora*, and Clément Rosset, in their works *O Princípio de Crueldade* and *Lógica do Pior*, which foster reflections about moral, guilt, bad conscience, tragic and real. These ideas allowed us to think about cruelty within the story, constituting the psychological drawings of the characters analyzed and their possibility of their expression in the human condition, basing life. Which led us to the conclusion that cruelty can manifest itself in different ways in the human conditions of each being, as well as in their actions and relationships, reflecting the philosophical concepts - bad conscience, guilt, moral, real and tragic - that permeate it.

Key words: *A Causa Secreta*; Machado de Assis; Cruelty; Friedrich Nietzsche; Clément Rosset.

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo I – Machado de Assis: suas Causas e seu Conto	13
1.1 O contador da <i>Causa Secreta</i>	14
1.1.1 O homem.....	14
1.1.2 O escritor.....	16
1.1.3 O contista.....	17
1.2 A <i>Causa Secreta</i> contada.....	18
1.2.1 O gênero conto.....	18
1.2.2 A <i>Causa Secreta</i>	20
Capítulo II – Das Causas Secretas em Friedrich Nietzsche e Clément Rosset	26
2.1 A causa secreta em Nietzsche.....	26
2.2 A causa secreta em Rosset.....	32
Capítulo III - A Causa Revelada	39
3.1 A causa ainda secreta.....	39
3.2 A cena empurradora de ferrolhos.....	42
3.3 A <i>Causa Secreta</i> revelada, nietzscheaneamente revelada, rossetianamente revelada.....	50
Considerações Finais	53
Referências	55

Introdução

Nesse trabalho realizamos uma análise do conto *A Causa Secreta*, de Machado de Assis. Esta é uma análise de embasamento teórico literário-filosófico. Portanto os textos utilizados para a produção deste são tanto oriundos do campo filosófico – *Genealogia da Moral* (dissertações 1 e 2) e *Aurora*, obras do autor Friedrich Nietzsche, e *O Princípio de Crueldade e Lógica do Pior*, do autor francês Clément Rosset –, quanto ao campo dos estudos literários – *O Núcleo e a Periferia de Machado de Assis*, de Fábio Lucas, *Um Mestre na Periferia do Capitalismo*, do escritor Roberto Schwarz, *Teses Sobre o Conto*, de Ricardo Piglia, *Alguns Aspectos do Conto e do Conto Breve e Seus Arredores*, de Julio Cotázar, entre outros.

Sendo assim, pretendemos fomentar a seguinte reflexão: é possível pensar em como a crueldade pode se manifestar na condição humana a partir da análise do conto *A Causa Secreta*? Para que seja possível essa reflexão, discutiremos algumas teses propostas por Nietzsche e por Rosset em suas filosofias, as quais nos permitem pensar e compreender a base originária da crueldade, e como ela se manifesta no ser humano. Através das leituras dos filósofos, pretendemos traçar as características psicológicas dos personagens do conto, e, ao traçá-las, temos por objetivo analisar como essas características podem induzir nas ações e reações dos personagens. E, após a última análise, refletir em como essas mesmas características podem influenciar suas relações – tanto entre eles mesmos, quanto referente ao meio social em que vivem.

Ao realizarmos essa discussão através da análise do conto machadiano, ressaltamos a relevância da literatura enquanto retrato da condição humana. Tendo em vista que a literatura possui enorme relevância no campo das formas de representações artísticas, em parte pela sua capacidade de se apresentar enquanto forma de deleite e prazer; mas também (e é a essa segunda que vamos nos ater) enquanto um fenômeno ligado diretamente à vida social.

Tenhamos em vista que a obra literária não é criada pelo artista como um fenômeno independente, a partir apenas de sua ‘inspiração’ para retratar a realidade que ele está inserido. A literatura o é também, mas não apenas. Ao passo em que vemos a literatura enquanto um reflexo social, a qual foi criada por um escritor com a intenção de retratar o meio social em que vive, bem como a existência e a condição humana, afirmamos então que ler literatura vai muito além de apenas ler um texto artístico a fim de enxergar nele determinada sociedade. Ler literatura é também ler história, filosofia, psicanálise, sociologia, biologia, entre diversos outros espaços discursivos. E, ao lermos um texto literário, lemos

sobre todos esses campos enquanto reflexão do espaço e meio social, bem como da condição humana. Porém, é pertinente salientar que o lemos enquanto reflexão, não enquanto reflexo ou retrato fiel da sociedade. Pois o autor, ao escrever seu texto, busca retratar a sociedade, porém o faz aplicando seu filtro pessoal, nos entregando assim uma realidade transfigurada. Nesse caso, vale mencionar um trecho de Sainte-Beauve:

o poeta não é uma resultante, nem mesmo um simples foco refletor: possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única. Tem o seu núcleo e o seu órgão, através do qual tudo o que passa se transforma, porque ele combina e cria ao devolver à realidade (Sainte-Beauve apud Candido, 1976, p. 18).

O impulso para realizar um estudo acerca da crueldade em diálogo com o conto *A Causa Secreta* se dá devido ao leque de possíveis análises psicológicas em torno dos comportamentos dos personagens do conto, os quais retratam a condição humana apontada por Nietzsche, de que não existe distinção ontológica entre a dor e o prazer, mas que existe uma dinâmica de pulsão entre os dois sentimentos. Assim, afirma-se a importância de utilizar as análises realizadas em relação ao comportamento dos personagens para que seja possível uma reflexão da condição humana. E esse nosso desejo se dá também pela contribuição que esse trabalho literário-filosófico trará para o meio acadêmico. Mesmo em meio a produções já existentes na área, julgamos a nossa pertinente; isso porque, ao propormos o diálogo entre as teorias de dois grandes escritores filosóficos, no que diz respeito aos estudos relacionados à crueldade – entre outros campos –, e entre um texto de um dos maiores autores literários, a contribuição acadêmica deste trabalho se faz imensurável e imprescindível. Pois, ao fazer parte do acervo de produções acadêmicas da UFRPE-UAST, esse trabalho de conclusão de curso pode contribuir para pesquisas daqueles que desejam imergir em diversos âmbitos literários brasileiros ou estrangeiros – já que Machado de Assis é um dos escritores nacionais mais reconhecidos e estudados ao redor do mundo, devido à maestria de sua escrita crítica e sarcástica –; como também para trabalhos daqueles que estão inseridos no campo dos estudos filosóficos abordados por Nietzsche e Rosset. Ou seja, um projeto que denota contribuição válida tanto para os estudantes das áreas abordadas pelos filósofos lidos, como para os estudiosos da área literária machadiana.

Para tornar possível a realização deste trabalho, fizemos a princípio uma revisão de literatura no que diz respeito a estudos sobre Machado de Assis e sobre o gênero conto em geral, mas também especificamente sobre *A Causa Secreta*, e sobre alguns caminhos teóricos que seguimos para validação da nossa análise. Para nos ambientarmos sobre o escritor e sua

escrita, bem como de que maneira o meio social em que ele estava inserido influenciou a obra, assim como a obra influenciou o meio, lemos *O Núcleo e a Periferia de Machado de Assis*, de Fábio Lucas e *Um Mestre na Periferia do Capitalismo*, do escritor Robert Schwarz. Para entendermos sobre as características do gênero ao qual a obra analisada se agrega, e como isso influenciará em nossa análise, trouxemos à discussão os textos *Teses Sobre o Conto*, de Ricardo Piglia e *Alguns Aspectos do Conto e do Conto Breve e Seus Arredores*, de Julio Cortázar.

Seguindo, no subcapítulo 2.1, lemos o autor e filósofo alemão Friedrich Nietzsche. Dentro de sua ampla bibliografia, iremos nos ater às obras *Aurora* e *Genealogia da Moral* (dissertações 1 e 2), obras essas que nos permitiram, além de traçar os possíveis desenhos psicológicos dos nossos personagens, entender e analisar como esses traços psicológicos atuam enquanto retrato da crueldade humana e como isso se dá no texto através dos recursos linguísticos utilizados por Machado de Assis. Ainda no âmbito filosófico, no tópico 2.2, lemos algumas teses do pensador francês Clément Rosset em seus livros *O Princípio de Crueldade e Lógica do Pior*, no qual refletimos como a realidade, incerteza, o trágico e o acaso podem se tornar sinônimos de crueldade e como se dão no texto através das ações dos personagens, bem como através da escrita machadiana.

E por último, no capítulo 3, realizamos a análise do conto e de seus personagens. Refletimos como as discussões propostas nos capítulos anteriores nos permitem realizar a leitura dos personagens e dos seus traços que remetem à crueldade; bem como à moral, à má consciência, e à vida enquanto vontade de poder.

Sendo assim, ao analisarmos a relação de textos estudados durante esse trabalho, percebemos que ele consiste em um exercício de análise literário-filosófica, conforme já foi citado anteriormente. Tendo em vista que nossa análise utiliza uma obra literária para estudar e discuti-la enquanto forma de representação do ser humano e de sua condição voltada à crueldade. Fazendo-o assim um estudo literário com componentes filosóficos.

Capítulo I - Machado de Assis: suas Causas e seu Conto

A partir da leitura e reflexão de alguns textos escritos pelos autores Friedrich Nietzsche e Clément Rosset, nos propomos a realizar uma possível análise do conto *A Causa Secreta*, de Machado de Assis. Essa análise se dará em torno da leitura dos traços psicológicos que Machado desenha em cada um dos seus personagens. Nesse sentido, nosso problema de pesquisa consiste na seguinte pergunta: seria possível pensar a crueldade na condição humana a partir dos desenhos psicológicos que os personagens do conto analisado possuem?

Propomos neste trabalho a seguinte hipótese: sim, o conto nos permite pensar em como a crueldade pode se expressar na condição humana. E o conto nos dá essa possibilidade através da análise dos personagens presentes no conto, bem como suas ações e ‘motivações secretas’ por trás de cada uma delas.

Portanto, para que pensemos o problema lançado anteriormente, chegando à hipótese proposta, faz-se necessária a reflexão acerca de algumas teses apresentadas por Nietzsche e por Rosset. Teses essas que nos induzem a repensar alguns conceitos atribuídos à moral, à culpa, à má consciência, ao trágico, ao acaso, ao real, à vida e etc. E esse ‘repensar’ de conceitos se faz necessário, pois nos permite perceber e entender uma expressiva fundamentação da crueldade, e sua real motivação ao se manifestar. Através das conceituações nietzschianas e rossetianas, pretendemos analisar os traços psicológicos dos personagens Garcia, Maria Luísa e Fortunato. Percebendo como as teses elucidadas pelos filósofos lidos podem se manifestar no agir humano de cada personagem.

A partir do ‘traçar psicológico’, pensaremos se essas características psicológicas podem influenciar nas ações e, também, reações dos personagens no desenvolver do conto. E, posteriormente, analisando suas relações – tanto entre os próprios personagens, quanto com o meio social em geral –; refletindo sobre a possibilidade de os seus desenhos psicológicos, que foram traçados a partir das discussões filosóficas propostas, influenciarem em como os mesmos conduzem seu modo de se relacionar.

E, como já foi falado anteriormente, para que fosse possível chegar a essa conclusão, realizamos a leitura tanto de textos teóricos literários, como teóricos filosóficos. Sendo assim, realizamos uma pesquisa bibliográfica que se resume na seleção das seguintes obras: *O Núcleo e a Periferia de Machado de Assis*, de Fábio Lucas, *Um Mestre na Periferia do Capitalismo*, do escritor Roberto Schwarz, *Teses Sobre o Conto*, de Ricardo Piglia e *Alguns*

Aspectos do Conto e do Conto Breve e Seus Arredores, de Julio Cortázar. Realizamos também as leituras das obras *Aurora* e *Genealogia da Moral* (dissertações 1 e 2), obras do autor Friedrich Nietzsche, e *O Princípio de Crueldade e Lógica do Pior*, do autor francês Clément Rosset.¹

Portanto, consideramos esse trabalho enquanto uma análise teórica literária com fundo filosófico, tendo em vista que analisamos uma obra literária a partir de conceitos discutidos pela filosofia. Além disso, o consideramos também como de natureza analítica e hermenêutica, já que nos propomos à realização de uma análise e uma interpretação do conto a partir de conceitos filosóficos, e não unicamente a discussão desses conceitos.

Esse processo estrutura-se na nossa análise da seguinte forma: no presente capítulo, denominado *Machado de Assis: suas Causas e seu Conto*, retomamos alguns conceitos sobre o autor Machado de Assis, sobre o gênero conto, bem como sua importância e contribuição para o cenário literário – tanto da época em que foi lançado, como nos dias atuais. No segundo capítulo, intitulado *As Causas Secretas*, discutimos sobre os conceitos filosóficos de crueldade, moral, vida – entre outros – abordados por Nietzsche e Rosset, os quais nos possibilitaram realizar a análise no capítulo seguinte. E no terceiro e último capítulo, *A Causa Revelada*, realizamos a análise do conto a partir das reflexões trazidas no capítulo II, capítulo este que nos permitiu realizar a reflexão sobre a crueldade na condição humana a partir das análises dos personagens que fazem parte do conto.

Portanto, nos tópicos seguintes daremos continuidade realizando uma breve revisão de literatura, o que nos embasa e nos permite realizar a análise do conto, bem como a produção deste trabalho. E, nos capítulos seguintes, realizamos discussões acerca dos embasamentos filosóficos utilizados para a análise. E, por fim, no último capítulo, realizamos a análise, que afirma a hipótese trazida anteriormente: a de que o conto nos permite compreender como a crueldade possivelmente se daria na condição humana.

1.1 O contador da *Causa Secreta*

1.1.1 O homem

¹ Vale ressaltar que essas foram as obras tomadas para o embasamento deste trabalho. Porém, durante o caminho trilhado, percebemos a necessidade de agregar algumas outras obras e trabalhos ao acervo bibliográfico desta pesquisa.

Para a construção e desenvolvimento desse trabalho faz-se necessário ter conhecimento sobre o autor do conto a ser analisado. Sendo assim, vamos conhecer um pouco sobre Joaquim Maria Machado de Assis, um escritor que, apesar das limitações sociais impostas relativas à sua saúde, sua cor e sua classe social, destacou-se nas literaturas brasileira e mundial, pela sua escrita “complexa e acima da gramática e das escolas do seu tempo” (LUCAS, 2009, p. 14). E seu texto, que “transcende a gramática de seu tempo, anuncia a confusão dos gêneros e critica o modo de narrar tradicional” (LUCAS, 2009, p. 12).

Mas, quem de fato foi Machado de Assis? Foi poeta, teatrólogo, contista, crítico literário, romancista e jornalista que nasceu no dia 21 de junho de 1839, na casa de Dona Maria José de Mendonça Barroso, que foi sua madrinha; a casa ficava situada em uma chácara no Morro do Livramento, no Rio de Janeiro. Era uma criança mulata, que sofria de epilepsia e gagueira. Filho de Francisco José de Assis, um homem mulato, e de Maria Leopoldina Machado de Assis, mulher de origem portuguesa. Ficou órfão de mãe ainda muito jovem, tendo assim o seu pai se casado novamente após cinco anos.

Aos 16 anos começou a frequentar a tipografia e livraria de Francisco de Paula Brito, onde se publicava a revista *Marmota Fluminense*. Foi aí que Machado começou a ter editadas as primeiras obras. Em 1860 perdeu amigos e parentes para as epidemias da época. Perdeu três amigos com quem se reunia em um grupo chamado ‘Grupo dos Cinco’, porém e felizmente, mesmo com sua saúde considerada frágil, Machado sobreviveu às epidemias.

Entre os anos de 1856 e 1858 trabalhou na Tipografia Nacional, onde se tornou próximo do escritor Manuel Antonio de Almeida e do padre-mestre Silveira Sarmiento, os quais se interessaram pela carreira do novo autor, o que colaborou para o surgimento do prosador Machado de Assis, que publicou o seu primeiro conto, intitulado *Três Tesouros Perdidos*.

Em 1858 publicou o seu primeiro importante ensaio crítico, *O Passado, o Presente e o Futuro da Literatura*, na revista *Marmota*. Logo após veio a colaborar com vários jornais e revistas, e em 1864 publicou seu primeiro livro de poesias, intitulado *Crisálidas*. Acontece então a fundação da Arcádia Fluminense, da qual Machado foi sócio fundador.

Em 1867 tornou-se funcionário público e assistente de diretor do Diário Oficial. Em 1869 casou-se com Carolina Augusta Xavier de Novais. Em 1872 publicou seu primeiro romance, chamado *Ressurreição*. Alguns anos depois, no período de 1878 e 1879, o escritor viajou com sua esposa Carolina para Friburgo, com a finalidade de repouso, devido a

problemas de saúde e exaustão pelo trabalho excessivo. Vê-se essa temporada como de extrema importância para o que o autor virá a produzir posteriormente.

Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, e por unanimidade, em 1897, foi eleito presidente da mesma. Em 1904 morre sua esposa Carolina. Quatro anos após o autor falece.

1.1.2 O escritor

A carreira de Machado de Assis na escrita inicia-se em meados do Romantismo, porém se desenvolve no Realismo. O desenvolvimento da sua carreira sempre aconteceu de forma crescente e ascensional, sem altos e baixos, de forma que sua ascensão social reflete em sua ascensão na carreira. Era respeitado tanto enquanto homem, como enquanto escritor.

Em relação à crítica à sua escrita, podemos destacar algumas ‘fases críticas’: uma primeira fase, na qual os críticos levam em consideração a vida, vivência e valores do autor, fazendo assim uma intersecção entre vida e obra. Já a segunda fase de críticos faz uma análise mais profunda e psicológica. E na terceira buscam “decodificar um sistema completo de signos linguísticos, desinteressados dos valores sociais ou individuais que ressaltam da obra e provocam reações emocionais” (LUCAS, 2009, p. 36).

Em sua escrita, Machado faz a utilização de termos referentes aos dizeres do dia-a-dia, de conhecimentos do senso comum e sabedoria popular, assim como de outros escritores; tendo em vista que uma obra sempre beberá da fonte de outra. Como diz Lucas:

desfruta não só da ciência dos homens, mas também das formas individuais de conhecimento. Apanha sinais que são de todos, como os que se atribuem a determinadas pessoas. No nível da cultura geral, alguns dizeres são gravados pelo nome daqueles que os geraram. A circulação do saber inclui, assim, signos linguísticos nominados: Eclesiastes, Dante, Shakespeare, etc. Deste se vale abundantemente Machado de Assis, ora citando-os, ora evocando-os sem citar. Faz parte do discurso machadiano lembrar ao leitor ao mesmo tempo o significado e a autoria, ou fonte (LUCAS, 2009, p. 38).

No que diz respeito à parte essencial e mais importante do trabalho de Machado, não segue e não se prende à estilística de sua época, assim como de sua estética literária. Ele não se prendia e não se deixava ser colocado em nenhuma ‘caixa’ que tentasse o definir ou delimitar, já que:

ao transpor para o estilo as relações sociais que observava, ou seja, ao interiorizar o país e o tempo, Machado compunha uma expressão da

sociedade real, sociedade horrendamente dividida, em situação muito particular, em parte inconfessável, nos antípodas da pátria romântica. O ‘homem do seu tempo e do seu país’ deixava de ser um ideal e fazia figura de *problema* (SCHWARZ, 1997, p. 11, grifo do autor).

Em relação à construção de seus personagens, vemos que o autor utiliza a ironia e a crítica, como formulação das características dos mesmos. Encontramos sempre traços complexos, irônicos, duais e cruéis nos personagens. Não são rasos, eles trazem uma espessura psicológica, refletem o retrato e traços sociais que a humanidade apresenta; retratando os valores, os medos e o reflexo dos personagens ante a sociedade burguesa. Sendo assim, consideramos seus personagens como componentes essenciais para que sua obra se torne uma forte crítica social.

1.1.3 O contista

Enquanto contista, seus trabalhos iniciam-se apresentando uma temática voltada ao amor sincero, ao moralismo. Temática essa que logo após dará lugar a ironia, dualidade, frustração, sutilezas do espírito e crítica social. Ele insere em seus contos a estrutura que corresponde ao conceito de que o gênero deve se desenvolver de forma que tudo direcione ao seu final, o que nos fará chegar ao entendimento de toda a construção do texto. Isso nos remete à definição de conto citada por Fábio Lucas em *O Núcleo e a Periferia de Machado de Assis* (2009), que diz que o gênero deve apresentar duas características: *single effect* e *preconceived effect*, que são elementos presentes no conceito de conto de Allan Poe. Fábio Lucas afirma que:

a elaboração da história curta deve basear-se em dois elementos fundamentais: *single effect*, isto é, o conto deve dirigir-se a um só efeito anedótico, e *preconceived effect* ou seja, o conto apoia-se numa conclusão prefigurada desde o início da narrativa. Isso significa que tudo no conto conduz ao final e que, conhecido este, nova luz ilumina as partes anteriores (LUCAS, 2009, p. 45).

E esse é um dos motivos que fazem nosso autor se destacar dentre os outros escritores da época, e que fazem com que essa vertente de escrita seja uma das mais interessantes de seu trabalho.

Ainda sobre o Machado de Assis contista, vemos um autor que convoca o leitor a participar da narrativa, quando o autor deixa lacunas propositais para que o leitor as complete,

dando o sentido que, quase imperceptivelmente, é induzido pelo autor. Ideia reforçada por Fábio Lucas ao afirmar que “na verdade, o autor exige a colaboração do leitor para completar o sentido que ele maneiramente sugere” (LUCAS, 2009, p. 53).

Em seus contos ele geralmente versava a respeito das mazelas sociais da época, expondo-as de maneira crua, utilizando-se sempre da sua ironia, que conduzia à sua crítica assertiva. Expondo um exterior geralmente falso das pessoas, bem como as relações hipócritas existentes entre cidadão e sociedade burgueses.

Sendo assim, podemos perceber a relevância de Joaquim Maria Machado de Assis, tanto enquanto homem, quanto como escritor. Bem como sua vasta contribuição para o meio social em que viveu, mas, principalmente, para o acervo literário.

1.2 A *Causa Secreta* contada

1.2.1 O gênero conto

Nesse momento, iremos propor algumas possíveis definições para o gênero conto, pois segundo Alda Correia (2001), sua variedade de formas vem, tanto enriquecendo, como dificultando sua definição durante todo o decorrer da história literária. E, conforme aponta Cortázar, o conto é de “tão difícil definição, tão esquivo nos seus múltiplos e antagônicos aspectos, e, em última análise, tão secreto e voltado para si mesmo, caracol da linguagem” (CORTÁZAR, 2006, p. 149).

O conto é um gênero no qual a narrativa se apresenta de maneira curta, concisa, se comparado ao romance e à novela, pois segundo Cortázar, (2006, p.151) “o conto parte da noção de limite, e, em primeiro lugar limite físico”. Sua finalidade é contar uma história, com sua narrativa focando em iniciar e finalizar essa história em tempo e espaço delimitados. Sendo assim, possui apenas uma questão central, e todos os fatos devem acontecer de forma em que o final resulte na resolução do conflito proposto no decorrer da narrativa. Além dessas características, possui outra, que é um número pequeno de personagens, pois o conto tem sua composição através de “enredo, um único conflito e clímax, uma história com poucas personagens, tempo e espaço reduzidos e um desfecho” (SARMENTO e TUFANO, 2004).

O gênero se diferencia do romance e da novela tanto pelo seu tamanho, que é inferior, quanto pela sua estrutura. Diferencia-se também, pois não tem intenção de apresentar

complexidade no desenvolvimento dos fatos, e nem apresentar vários fatos que compõem uma história, como vemos em Soares:

ao invés de representar o desenvolvimento ou o corte na vida das personagens, visando a abarcar a totalidade, o conto aparece como uma amostragem, como um flagrante ou instantâneo, pelo que vemos registrado literariamente um episódio singular e representativo (SOARES, 1993, p. 54).

Segundo Cortázar, o conto possui três características ou elementos que são imprescindíveis em seu desenvolvimento. A primeira apresentada é a eleição do tema e o desenvolvimento do mesmo por parte do autor. Geralmente, os temas presentes nos contos nos remetem ao dia-a-dia, às coisas corriqueiras, porém o que importa é a proposta literária, o trabalho que o autor irá desenvolver a partir do tema proposto. Sendo assim, o primeiro elemento é a comutação de um tema comum, cotidiano em um “resumo implacável de certa condição humana, ou no símbolo candente de uma ordem social ou histórica” (CORTÁZAR, 2006, p. 153).

O segundo princípio é a subtração de tudo que não seja fundamental para o desenvolvimento da narrativa. Elementos que, geralmente, são encontrados no romance, por exemplo. Situações que não são essenciais para levar o texto até seu final, mas, ao invés disso, afeta a intensidade, a energia do conto.

O terceiro elemento apontado pelo autor é, como ele nomeia no texto, a tensão que o autor imerge o leitor, na medida em que vai prendendo cada vez mais sua atenção ao que está sendo contado na história.

Sendo assim, como a sociedade vai avançando conforme o tempo e as mudanças políticas e sociais, a literatura também se modifica e acompanha essas transformações. Desde o século XIX até o presente, o homem enfrenta batalhas diárias, vive em um cotidiano exaustivo, tendo que lidar com seus próprios medos, aflições, e limitações humanas, e lida com uma sociedade e política aflitivas. Esse é o retrato do homem e da sociedade moderna. Portanto, o conto contemporâneo o acompanha, acompanha essa sociedade. Assim como o conto machadiano também o faz; pois, mesmo que suas obras estejam situadas cronologicamente no século XIX, podemos perceber aspectos contemporâneos nas mesmas. O conto atenta, então, para os problemas, tanto individuais, como sociais. Utiliza a fragmentação, as lutas diárias e as relações dos homens perante essas situações, e o homem utiliza o conto (e a literatura em geral) para se enxergar e se entender perante o mundo.

1.2.2 A *Causa Secreta*

O conto *A Causa Secreta* foi publicado originalmente em 1885, na *Gazeta de Notícias*; sendo publicado novamente em 1896, pela primeira vez em volume, no livro intitulado *Várias Histórias*. Portanto, o conto foi lançado durante o período que corresponde ao naturalismo brasileiro, que teve início no final do século XIX.

A obra analisada nasceu em um período caracterizado pela linguagem simples, cientificismo exagerado e descrições minuciosas – características bastante perceptíveis no conto analisado por nós. O período apresenta também preferência pela abordagem de temas como adultério, problemas sociais, miséria, e a discussão de temas que refletiam o desejo de reformar a sociedade daquela época, a qual demonstrava inúmeros problemas.

A Causa Secreta é uma obra narrada em terceira pessoa, apresentando um narrador onisciente, traçando um estudo analítico da condição humana. Com foco em como a crueldade faz parte da fundamentação da mesma, focando no traçar psicológico percebido através das ações dos personagens, com atenção à Fortunato. Sua narrativa inicia-se de maneira abrupta, para depois nos envolver em um *flashback*, que, após algum tempo, nos remete novamente à cena inicial, nos encaminhando para um final surpreendente e para a revelação da ‘causa secreta’.

Pode ser considerado como uma das mais precisas representações literárias da crueldade na condição humana; bem como suas propensões ao sadismo, à apreciação da dor, às perversões e inclinações às práticas consideradas não-morais, nos remetendo à inclinação que o ser humano tem à crueldade.

A Causa Secreta talvez seja um dos estudos mais perfeitos, em termos de ficção, das inclinações sádicas, ou sadomasoquistas, da alma humana. O conto é uma urdidura perfeita; a ramificação de funções cardinais e índices faz espriar um todo coerente e travejado, de tal sorte que o caso patológico, a ‘tese’, pareça uma situação natural. *A Causa Secreta* opera principalmente com o lado demoníaco da espécie humana, a face pervertida dos mortais. (LUCAS, 2009, p. 59).

É um conto que, em 3º pessoa, narra a relação entre Fortunato, Garcia e Maria Luísa. O início da história se dá quando os três personagens citados encontram-se em uma sala, permeados de uma tensão que se deu após determinado incidente que será contado mais à frente. Após fazer essa breve introdução nos apresentando os personagens, o narrador nos remete a um *flashback*, ao nos levar para o passado, quando os personagens se conheceram.

Prosseguindo, já que “tempo é de se contar a história sem reбуço” (ASSIS, 1994, p. 19), chegamos ao momento em que Garcia e Fortunato se encontram pela segunda vez e começam a se conhecer – assim como nós a conhecê-los. É então anunciada a primeira característica de Fortunato: um ser sem receios, pois “só os mais intrépidos ousavam estender os passos até aquele recanto da cidade” (ASSIS, 1994, p. 19). Também já percebemos uma forte característica de Garcia, que é ser um grande observador e ‘decifrador de homens’, como o próprio narrador acentua mais à frente: “este moço possuía, em gérmen, a faculdade de decifrar os homens, de decompor os caracteres, tinha o amor da análise, e sentia o regalo, que dizia ser supremo, de penetrar muitas camadas morais, até apalpar o segredo de um organismo” (ASSIS, 1994, p. 20).

O encontro se dá em uma peça, “um dramalhão cosido a facadas” (ASSIS, 1994, p. 19). O narrador nesse momento nos lança para uma espécie de tela, a qual está situada no olhar de Garcia – o que, muitas vezes nos traz a reflexão de que Garcia desempenha um papel de *alter ego* do autor em diversas situações –. Temos o início da análise feita pelo estudante de medicina, que suspeitou que o espectador estivesse fazendo uma releitura da peça de acordo com a sua vivência, devido à sua total atenção a cada ato representado. Porém, antes do final do espetáculo, o qual corresponde à revelação de uma ‘farsa’, o atento espectador aparentemente perdeu o interesse na mesma e se retirou. O jovem observador saiu atrás dele, esquadrihando-o e nos descrevendo novamente através de suas lentes, as ações de Fortunato durante seu trajeto: “Ia devagar, cabisbaixo, parando às vezes, para dar uma bengalada em algum cão que dormia; o cão ficava ganindo e ele ia andando” (ASSIS, 1994, p. 19). Até que Garcia decide recuar e ir para sua casa; confuso sobre as ações que tinha presenciado durante toda a noite.

Depois de algum tempo acontece o terceiro encontro entre Garcia e Fortunato, após um colega e vizinho de Garcia sofrer um ataque e ser socorrido gravemente ferido. Fortunato adentra em companhia ao ferido, mesmo não sendo parente do atacado:

imaginou que seria parente ou amigo do ferido; mas rejeitou a suposição, desde que lhe ouvira perguntar se este tinha família ou pessoa próxima. Disse-lhe o preto que não, e ele assumiu a direção do serviço, pediu às pessoas estranhas que se retirassem, pagou aos carregadores, e deu as primeiras ordens (ASSIS, 1994, p. 20).

E não sendo médico também, pois,

... durante o curativo ajudado pelo estudante, Fortunato serviu de criado, segurando a bacia, a vela, os panos, sem perturbar nada, olhando friamente para o ferido, que gemia muito (ASSIS, 1994, p. 20).

Porém, após algum tempo, subitamente, Fortunato abandonou os cuidados ao funcionário do arsenal de guerra. Seis dias após sua cura, Gouveia ‘correu’ para Catumbi, com seu coração transbordando de gratidão, o que queria demonstrar a seu benfeitor. Porém, como agora o homem à sua frente estava sem sofrimentos aparentes, Fortunato “recebeu-o constrangido” (ASSIS, 1994, p. 20), e demonstrou durante o encontro inquietação e total falta de interesse. Então, estando em total constrangimento frente à reação de Fortunato, Gouveia se retira. O anfitrião, ao perceber seu desconforto, e vê-lo sofrer frente à transformação de sua gratidão em ressentimento, agora esboça alguma reação na qual percebemos entusiasmo e desdém, ao deixar seu ex-paciente com a seguinte fala: “Cuidado com os capoeiras!” (ASSIS, 1994, p. 20).

Após esse incidente passou-se um tempo indeterminado, até que Garcia – que agora já estava formado e havia se mudado para a Rua de Matacavalos – e Fortunato passaram a ter encontros não planejados, porém frequentes; o que desencadeou certa proximidade entre os dois. Aconteceu então a primeira – que viria se tornar algo rotineiro – visita de Garcia à família Fortunato. As visitas passaram a ser cada vez mais frequentes, fazendo com que a proximidade entre os três aumentasse. Principalmente entre Garcia e Maria Luísa, pois foi florescendo no médico um sentimento de interesse, que se converteu em encanto, até se transformar em amor.

Em uma das visitas de Garcia à casa de Fortunato, surge a idealização da abertura de uma casa de saúde em sociedade entre os dois amigos:

tão bom enfermeiro, concluiu ele, que, se algum dia fundar uma casa de saúde, irei convidá-lo.
 — Valeu? Perguntou Fortunato.
 — Valeu o quê?
 — Vamos fundar uma casa de saúde?
 — Não valeu nada; estou brincando.
 — Podia-se fazer alguma coisa; e para o senhor, que começa a clínica, acho que seria bem bom. Tenho justamente uma casa que vai vagar, e serve.
 (ASSIS, 1994, p. 21).

Vamos nos ater de antemão à primeira fala de Garcia no trecho citado anteriormente. Ele utiliza o termo “se algum dia” (ASSIS, 1994, p. 21), o que nos traz a ideia de que seja apenas uma utopia do mesmo. Mais à frente, após Fortunato demonstrar interesse na ideia, Garcia diz que “não valeu nada” (ASSIS, 1994, p. 21), que ele estava apenas “brincando” (ASSIS, 1994, p. 21), o que nos mostra que a proposta foi feita em tom de brincadeira, de zombaria. Em contraste, se retirarmos do mesmo texto anterior falas de Fortunato, veremos interesse – “Valeu?” (ASSIS, 1994, p. 21) – e iniciativa – “Vamos fundar uma casa de

saúde?” (ASSIS, 1994, p. 21) – e até sua proposta (que parece até ter um planejamento antecedente) para que o plano se concretizasse – “Podia-se fazer alguma coisa; e para o senhor, que começa a clínica, acho bem bom. Tenho justamente uma casa que vai vagar, e serve” (ASSIS, 1994, p. 21). – Podemos ir ainda um pouco mais à frente e perceber que Fortunato continua a persistir na ideia, mesmo que Garcia permanecesse a demonstrar desinteresse na proposta, já que “Garcia recuou nesse e no dia seguinte; mas a ideia tinha-se metido na cabeça do outro, e não foi possível recuar mais” (ASSIS, 1994, p. 21). Sendo assim, concluímos que a fundação da casa de saúde partiu do interesse de Fortunato, o qual tomou a iniciativa, através de sua proposta de fundá-la em sua propriedade.

Após alguma relutância, Garcia aceitou a proposta de Fortunato, e rapidamente a instituição começou a funcionar. O sócio incentivador demonstrou total dedicação, tanto no que dizia respeito à administração, como ao cuidado dos doentes. E Garcia continuava seu exercício, observando cada ação do parceiro, o que lhe fez chegar à conclusão – e a nós também, tendo em vista que mais uma vez enxergamos através dos seus olhos – de que seu amigo realmente possuía a aptidão para o cuidado ao próximo em sua essência, pois:

via-o servir como nenhum dos fâmulos. Não recuava diante de nada, não conhecia moléstia aflitiva ou repelente, e estava sempre pronto para tudo, a qualquer hora do dia ou da noite. Toda a gente pasmava e aplaudia. Fortunato estudava, acompanhava as operações, e nenhum outro curava os cáusticos (ASSIS, 1994, p. 21).

Dois acontecimentos decorreram da abertura da casa de saúde e da dedicação de Fortunato: 1°. Devido à relação mantida na clínica, os laços entre os nossos três personagens estreitaram-se. 2°. Em decorrência do trabalho que desempenhava na casa de saúde, Fortunato começou a praticar exercícios semelhantes em sua residência, utilizando animais, com o pretexto de estar praticando suas habilidades médicas. Porém essas práticas resultaram em maus-tratos aos animais, o que causou aflição e angústia à sua esposa. Então Maria Luísa, sabendo que Garcia nutria um sentimento de amor por ela, e sabendo também que nessas situações não cabem recusas, pede-o que converse com seu esposo a fim de livrá-la desse assolamento; o que, aparentemente, resolveu a situação.

Acontece, então, o incidente que precede a cena inicial do conto e que incita toda nossa discussão. Fortunato captura em seu escritório um rato, do qual vinha queixando-se desde o dia anterior de ter pegado um papel importante que lhe pertencia. Como castigo ao rato, ele vai, vagarosamente, cortando cada uma de suas patas, até não lhe sobrar nenhuma e restando apenas seu focinho – o qual em uma perspicaz analogia, significou seu último

suspiro de vida –, mergulhando-o em um líquido flamejante intercaladamente a cada corte. Enquanto o ritual narrado anteriormente acontecia, Garcia chega à casa de seu colega para seu jantar rotineiro. Antes de chegar à porta do escritório de Fortunato, o médico encontra sua amada, a qual apresentava aflição e atordoamento, mal conseguindo respirar. Após o encontro com Maria Luísa, Garcia encontra-se à porta do escritório de Fortunato e vê algo que o deixa transtornado:

Garcia, defronte, conseguia dominar a repugnância do espetáculo para fixar a cara do homem. Nem raiva, nem ódio; tão-somente um vasto prazer, quieto e profundo, como daria a outro a audição de uma bela sonata ou a vista de uma estátua divina, alguma coisa parecida com a pura sensação estética (ASSIS, 1994, p. 22).

Logo após o incidente anterior, foi obtida a confirmação de que Maria Luísa estava com tísica. O intervalo de tempo entre a diagnose da doença e a morte da moça foi repleto de dor e sofrimento. Nessa passagem podemos perceber os dois únicos momentos em que Fortunato demonstrou estar sofrendo. O primeiro momento foi quando o diagnóstico foi confirmado:

Era a tísica, velha dama insaciável, que chupa a vida toda, até deixar um bagaço de ossos. Fortunato recebeu a notícia como um golpe; amava deveras a mulher, a seu modo, estava acostumado com ela, custava-lhe perdê-la. Não poupou esforços, médicos, remédios, ares, todos os recursos e todos os paliativos. Mas foi tudo vão. A doença era mortal. (ASSIS, 1994, p. 23).

E o segundo quando a morte foi confirmada:

Egoísmo aspérrimo, faminto de sensações, não lhe perdoou um só minuto de agonia, nem lho pagou com uma só lágrima, pública ou íntima. Só quando ela expirou, é que ele ficou aturdido. (ASSIS, 1994, p. 23).

Partimos então para a cena final do conto, na qual vemos Garcia prostrado sobre o caixão da moça; e o viúvo escondido a observar a cena. O médico então se inclina e beija a defunta, que era seu amor. Inclina-se ainda outra vez para um segundo beijo, porém não aguenta sua dor, o que o faz cair aos prantos. E Fortunato, à espreita, apenas observa “essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa”. (ASSIS, 1994, p. 23).

Sendo assim, após realizarmos uma revisão de literatura, conhecendo o autor da obra a ser analisada, como também conhecendo o gênero a ser estudado, bem como a obra em si, com sua estrutura e sua apresentação, faz-se necessário, no próximo capítulo, discutir sobre as filosofias dos autores Friedrich Nietzsche – obras *Genealogia da Moral* (dissertações 01 e 02) e *Aurora* – e Clément Rosset – em suas obras *O Princípio de Crueldade* e *Lógica do Pior*.

Discussão essa que nos possibilitará compreender – através dos conceitos de moral, dor, culpa, má consciência – como possivelmente a crueldade se dá na condição humana.

CAPÍTULO II - Das Causas Secretas em Friedrich Nietzsche e Clément Rosset

No presente capítulo tratamos sobre algumas das teses que os filósofos Friedrich Nietzsche e Clément Rosset problematizam ao longo de suas trajetórias. Atemo-nos neste trabalho e neste capítulo a analisar os conceitos a respeito de moral, má consciência, culpa, dor e vida, discutidos nas obras *Genealogia da Moral* (dissertações 01 e 02) e *Aurora*, ambas do autor Nietzsche. Compreendemos também os conceitos sobre real, incerteza, acaso e trágico, que constam nas obras *O Princípio de Crueldade* e *Lógica do Pior*, do autor francês Rosset. Discutimos acerca desses conceitos, propondo compreender em como a crueldade poderia se expressar na condição humana, nos permitindo possíveis interpretações das ações e reações dos seres em questão.

2.1 A causa secreta em Nietzsche

Neste tópico fizemos uma breve caminhada pelas temáticas ligadas à crueldade tratadas por Friedrich Nietzsche e suas concepções a respeito delas, temáticas essas que consideramos pertinentes para a realização da análise do conto que é nosso objeto de estudo. Tendo em vista e considerando a vastidão dos conceitos e abordagens adotados pelo autor alemão a respeito da crueldade em toda sua filosofia, achamos oportuno delimitar e selecionar apenas algumas obras a serem utilizadas nesse trabalho. Sendo assim, nos propomos a discutir a crueldade a partir da seleção de alguns conceitos e ideias encontrados nas obras *Aurora* e *Genealogia da Moral* (dissertações 01 e 02); o que não nos impede de dialogar também com outras obras ao decorrer da caminhada, caso seja necessário.

Partimos do pressuposto de que Nietzsche, através de suas obras e discussões – acerca das definições de moral, culpa, dor, vida, etc. –, nos apresenta uma ideia de crueldade que, em certo ponto, vai de encontro aos conceitos que eram impostos ao substantivo feminino. Ele concorda com a concepção até então atribuída à crueldade, de que a mesma seria um impulso agressivo e uma satisfação à exposição ao sofrimento, seja a você mesmo ou a outro ser. Porém, concorda apenas em caráter semântico, discordando quanto ao pressuposto relacionado à moral que é associado à mesma. Isso porque uma das principais propostas fundamentais do pensamento nietzschiano é denunciar o caráter não-moral da moral. Ele faz a introdução da discussão acerca do fundo não-moral que há na moralidade, pois os principais

pontos acerca dessa discussão giram em torno da base originária da moral. E essa base originária não seria aquela julgada pura, bondosa, dádiva divina. Pelo contrário: o fundamento da moralidade é constituído por relações de crueldade, violência, dominação, agressividade – até mesmo contra si próprio; o que reflete na má consciência, como veremos mais à frente –, pois só a partir dessas relações e embates de dominação e luta foi possível o surgimento das formas de civilizações e da moralidade, bem como sua manutenção e sustentação.² Sendo assim, o autor alemão vê a crueldade enquanto algo intrínseco à dinâmica da vida, portanto, como sendo uma instância que se manifesta e se constitui na condição humana a partir do entrechoque de impulsos, das relações de forças.

Para entendermos melhor como a crueldade se daria no ser humano e em suas ações, precisamos pô-la em diálogo com outros conceitos apresentados e discutidos por Nietzsche.

A primeira discussão que trataremos será a respeito de como, segundo Nietzsche, não haveria formação social que não estivesse interligada ao instinto cruel humano e sua livre manifestação; e de como a crueldade era vista e externada pelos homens primitivos. Em *Genealogia da Moral*, Nietzsche descreve a sociedade e as formas de relação enquanto civilização as quais se deram em torno – e só por causa – do agir cruel exercido pelos seres humanos primitivos. Ele faz a introjeção da ideia de uma crueldade enquanto instinto, de livre manifestação, inocente até, estando desvinculada de qualquer conceito moral ou de qualquer sentimento de culpa. Sendo necessária bem como à sobrevivência, quanto ao desenvolvimento da sociedade. Como afirma no seguinte trecho:

(...) que a inserção de uma população sem normas e sem freios numa forma estável, assim como tivera início, com um ato de violência, foi levada a termo somente com atos de violência – que o mais antigo ‘Estado’, em conseqüência, apareceu como uma terrível tirania, uma maquinaria esmagadora e implacável, e assim prosseguiu seu trabalho, até que tal matéria-prima humana e semi-animal ficou não só amassada e maleável, mas também dotada de uma forma (NIETZSCHE, 1998, p. 74).

Partiremos então para o que Nietzsche chama de ‘sofrimento voluntário’, que seria a satisfação em sentir na própria pele a dor. Essa relação nos traz a ideia de masoquismo, já que consiste em um deleite no autoflagelar-se, no orgulho que essa punição gera no indivíduo, como vemos ainda no § 18 de *Aurora*:

² A autora Virginia S. A. França, sobre essa ideia, afirma que: “(...) Nietzsche promove uma abordagem da ideia de crueldade procurando livrá-la dos pressupostos, dos preconceitos do senso comum, buscando devolver a crueldade ao seu lugar de direito: afinal a crueldade pode não ser o traço mais estimado do real, mas faz parte da sua constituição” (FRANÇA, 2006, p. 54).

É assim que entra, na noção do ‘homem mais moral’ da comunidade, a virtude do frequente sofrer, do duro viver, da privação, da cruel mortificação – *não*, mais uma vez repetindo, como meio de disciplina, de autodomínio, de anseio de felicidade individual, mas como virtude que faz a comunidade ter bom aroma junto aos deuses maus, subindo até eles como os fumos de um permanente sacrifício no altar (NIETZSCHE, 2004, p. 24, grifo do autor).

Por conseguinte, enxergamos o prazer na crueldade a partir do ver o outro sofrer. Ela não mais é sinônima de pulsão, instinto, com teor festivo, ou prazer voluntário. Ela agora aparece nos remetendo ao sadismo, enquanto um real deleite em presenciar o outro receber o flagelo, em ver o outro sentir a dor. Saindo de fundamento para condição de escopo, desejo; como elemento constitutivo da dinâmica da vida, que perpassa o humano.

Neste cenário do prazer no sofrimento do outro, na primeira dissertação de *Genealogia da Moral*, percebemos o que Nietzsche aponta como a origem do ‘bem’ e do ‘mal’, bem como sua valoração. Ele traz uma visão própria e controversa a respeito, na qual o bom seria designado como uma tipologia superior. Houve uma autointitulação, já que por possuir muito, lhes era possível praticar ações que beneficiassem os menos favorecidos, que para eles eram apenas simples plebeus, estando abaixo deles, abaixo dos homens ‘bons’. Sendo incapazes de produzir qualquer ato benevolente, ou que gerasse criação. Portanto, a estes foi designada uma tipologia inferior, sendo considerados ruins.³

A dominação e a crueldade das ações praticadas pelos aristocratas sobre os escravos, pelo ponto de vista do perpetrador, seriam tidas então enquanto ações inocentes, nascidas do sentimento de poder. Porém, pelo ponto de vista do que a sofre são tidas como condenáveis e cruéis.⁴ Os chamados fracos, os assenhorados começam a enxergar os que expressam poder como maus, ocorrendo então uma inversão dos conceitos de bom e ruim, e de bem e mal.⁵

E nesses embates entre o bom e ruim, e bem e mal – com o surgimento de certos preceitos do que seria proposto como moral – surge a relação entre credor e devedor, a qual

³ “Foram os ‘bons’ mesmos, isto é, os nobres, poderosos, superiores em oposição e pensamento, que sentiram e estabeleceram a si e a seus atos como bons, ou seja, de primeira ordem, em oposição a tudo que era baixo, de pensamento baixo, e vulgar e plebeu” (NIETZSCHE, 1998, p. 19, grifo do autor).

⁴ “(...) Quando um homem rico toma um bem ao pobre (por exemplo, um príncipe rouba a amada ao plebeu), produz-se um engano no pobre; ele acha que o outro deve ser um infame, para tomar-lhe o pouco que tem. Mas o outro não percebe tão profundamente o valor de um determinado bem, pois está acostumado a ter muitos; por isso não é capaz de se pôr no lugar do pobre, e de modo algum lhe faz tanta injustiça como ele crê. Cada um tem do outro uma ideia falsa” (NIETZSCHE, 2000, p. 66).

⁵ Como reforço ao nosso pensamento, trazemos ao texto a seguinte citação: “ao hierarquizar o valor diversamente, transportou-se o sentido de bem em oposição ao precedente. Na nova hierarquia, o sentido de bem apresenta vinculação a ações destituídas de dano, altruístas, e o sentido de mal, vinculação a ações egoístas. Será essa inversão que principiará, segundo Nietzsche, a vitória dos subjugados (da fraqueza) na moral” (ROSA, 2013, p. 41).

consiste em uma norma que dita determinados costumes e ações a serem seguidas em favor da conservação da civilização. E esses preceitos poderiam ser chamados de imposições sociais – ou até mesmo coerções sociais – já que eles não se deram devido a acordos selados por meios amigáveis. Não, muito pelo contrário. Chegou-se nesses princípios através de processos coercitivos, pelos quais foi instaurado um senso de má consciência, que, através de uma crueldade voltada para si mesmo, conduziu o homem a se tornar o ser social o qual era esperado que ele fosse. E além dos coercitivos, ocorreram também os processos de dominação, os quais se deram através do uso da força, da crueldade, da imposição. Portanto, através de todos esses processos carregados de crueldade, foi selado um ‘acordo social’.

Com isso surge então a dívida, por meio da qual o devedor ofende e atinge de forma negativa o credor – seja esse um sujeito, seja a sociedade em geral. Sendo assim, é atribuído poder ao insultado e que foi atingido de forma negativa; o que lhe dá o direito de punir o homem transgressor que lhe atingiu. E esse poder reverte-se então em castigo, o qual gera uma apropriação de um sobre o outro, a fim de ressarcir o credor. E esse ressarcimento não se restringe apenas à apropriação de um bem material. Ao quebrar sua promessa, o devedor concede ao seu credor direito sobre sua liberdade e até sobre a sua vida, o qual pode então aplicar sua perversidade, dar vazão à sua crueldade de maneira legítima; e por ser legítima, fica então livre da conotação de maldade, o deixando livre do sentimento de culpa. Porém, Nietzsche aponta esse castigo como algo apenas de teor punitivo, que possibilitaria o descarregar de toda pulsão cruel e vingativa no outro, de maneira socialmente e moralmente aceita, sendo assim infundado:⁶

o ‘castigo’, nesse nível dos costumes, é simplesmente a cópia, *mimus* [reprodução] do comportamento normal perante o inimigo odiado, desarmado, prostrado, que perdeu não só qualquer direito e proteção, mas também qualquer esperança de graça; ou seja, é o direito de guerra e a celebração do *Vae victis!* [ai dos vencidos!] em toda a sua dureza e crueldade (NIETZSCHE, 1998, p. 61).

Nesse contexto que remete ao período de socialização do homem, em que ele se vê diante de obrigações morais em detrimento de sua vontade instintual, surge o que Nietzsche aponta como ‘má consciência’. Ela surge quando o homem se vê diante de uma ruptura com o

⁶ Pois não funciona como mecanismo que visa ensinar o transgressor ou coibir ações futuras, mas sim “enquanto punição que busca compensação e ou ressarcimento, como uma regulamentação da crueldade sempre tão condenada pela civilização ocidental contemporânea, mas que não deixa de ser, muitas vezes, a tônica da justiça” (FRANÇA, 2003, p. 75).

modo de viver selvagem e instintivo, no qual ele era livre para exercer sua força, suas pulsões; com liberdade para agir dando vazão a todos os seus impulsos espontâneos, uma vez que:

todos os instintos que não se descarregam para fora voltam-se para dentro – isto é o que chamo de interiorização do homem (...). A hostilidade, a crueldade, o prazer na perseguição, no assalto, na mudança, na destruição – tudo isso se voltando contra os possuidores de tais instintos: esta é a origem da má consciência (NIETZSCHE, 1998, p. 73).

E essa nova relação do homem com seus impulsos, relacionada à ideia de dívida vista anteriormente, faz surgir o conceito de ‘culpa’. Ele é introduzido em função do desenvolvimento da má consciência e pelo redirecionamento introduzido pelo sacerdote ascético. O qual aproveita esse cenário – em que o homem está aprendendo a manusear e também a digerir essa relação entre dívida e culpa – para iniciar uma domesticação dele, fazendo uso da internalização do seu sentimento de transgressão. Com o surgimento desse ascetismo, Nietzsche aponta os sacerdotes, enquanto disseminadores do cristianismo, como responsáveis por motivar a interiorização do sentimento de culpa moral ao homem, fazendo-o enxergar suas ações – antes vistas enquanto inocentes e instintivas – como ações cruéis, passíveis de vergonha, de punição, levando-o a se autojulgar e autocondenar enquanto culpado, e, conseqüentemente, como pecador.

O grande estratagema de que se utilizou o sacerdote ascético para fazer ressoar na alma humana toda espécie de música pungente e arrebatada, consistiu – todos sabem – em aproveitar-se do *sentimento de culpa*. (...) O ‘pecado’ – pois assim se chama a interpretação sacerdotal da ‘má consciência’ animal (da crueldade voltada para trás) – foi até agora o maior acontecimento na história da alma enferma (NIETZSCHE, 1998, p. 129, grifos do autor).

Vimos Nietzsche referir-se à ‘má consciência’, a qual pode ser considerada o maior e mais cruel mecanismo psíquico existente. Pois essa seria uma ‘crueldade voltada para trás’, sendo assim um instrumento doentio causador de uma ‘auto-crueldade’, agindo como inibidor das descargas dos impulsos naturais e instintos humanos. E por isso a má consciência pode ser considerada, segundo Nietzsche, como uma ferramenta doentia imprescindível para a moralidade ocidental cristã, alicerçando as bases da civilização ocidental.

Surge então um sentimento de impotência e frustração. Pois o homem, influenciado pela moral introduzida pelo cristianismo, reconhece em seus instintos erros, atos e ações desprezíveis e, conseqüentemente, pecaminosas. Ao reconhecer, ele é levado à obrigação de abandonar suas ações anteriores, seus atos instintivos, e redimir-se – tanto perante a si mesmo, quanto à sociedade, mas principalmente perante Deus –; remissão essa que o tornaria

merecedor da compaixão da divindade cristã e mais próximo de alcançar o nível de moralidade que dele é esperado – imposto. No entanto, em que seria baseado esse nivelamento moral? Baseado na figura divina e sagrada do seu próprio Deus.⁷

Nisso estaria o motivo do fracasso humano perante a moral cristã, constituindo a essência de toda a crueldade cultivada pelo cristianismo. Pois o homem nunca atingirá o ideal imposto pelo ascetismo, já que o mesmo é um ideal sagrado, destinado apenas aos seres divinos, sendo inalcançável aos seres ‘mundanos’. O que o faz enxergar a si mesmo enquanto incapaz, impuro, desprezível, pecador; relembrando-o do que ele é: humano. O ideal ascético é condenado por Nietzsche pela sua nocividade que não busca preservação, melhora ou o bem do homem, mas visa a uma manutenção da constante sujeição ao sentimento de inferioridade, pequenez e incapacidade perante Deus. Sendo assim, a crueldade é um ingrediente essencial na feitura do ideal homem ascético e moral.

Sujeitar-se aos ideais cristãos deve ser algo vitalício, uma vez que só perante uma vida imaculada, alcança-se a pós-vida terrena. O que é algo totalmente inconcebível para Nietzsche, já que o mesmo diz em *Além do Bem e do Mal* que “a própria vida é vontade de potência” (NIETZSCHE, 2001, p. 23), e “atua ofendendo, violentando, explorando, destruindo, não podendo sequer ser concebida sem esse caráter” (NIETZSCHE, 1998, p. 65). A partir desses pensamentos, adentramos no que o autor alemão reconhece por vida, que para ele é vontade de poder⁸, ou seja, sinônimo de expansão, criação, não admitindo assim nenhuma forma de controle, freio ou conservação. E o homem, ao estar em consonância com a aspiração pelo viver, e ao ser um sujeito superior – segundo os conceitos morais aristocratas já discutidos – reflete essa vontade de poder. Pois, ao reconhecer e afirmar a vida enquanto processo constante de destruição e reconstrução, dominação, crueldade e criação, é designado a ele um modo de viver ascendente, o que o faz ser sempre impulsionado a expandir, a criar. Sendo assim, para Nietzsche, é necessário que o homem aja em sintonia com a vida, através da libertação dos seus impulsos, pois é instintiva ao ser humano a necessidade e o desejo de criação. E isso só seria possível a partir da manifestação de sua força, de seu poder, de seu agir ‘cruel’.

⁷ “Como filhos da obediência, não vos amoldeis às paixões que tínheis anteriormente na vossa ignorância; pelo contrário, segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento, porque escrito está: Sede santos, porque eu sou santo” (BÍBLIA, 1998, p. 1094, 1 Pedro, 1: 14, 15 e 16).

⁸ Neste trabalho, optamos pelo uso do termo ‘vontade de poder’ para a expressão *Wille zur Macht*, utilizada por Nietzsche, em detrimento à ‘vontade de potência’. Essa escolha se deu tanto pela tradução literal da palavra alemã *Macht*, que significa ‘poder’, quanto para evitar que se essa expressão ‘vontade de poder’ – abordada neste trabalho – se confunda com o sentido e acepção do termo ‘potência’ abordado pela metafísica de

Como vimos anteriormente, com o surgimento da má consciência, foi implementada no homem uma repulsa para com seus próprios instintos, a qual resultou em uma supervalorização do homem retraído e fraco, e uma objeção ao forte, que vive consoante à vida. O que vai de encontro à condição expansiva natural do ser, e, conseqüentemente, de encontro aos pensamentos de Nietzsche. Pois, ao serem julgados como condenáveis os atos instintivos ao homem, sua crueldade é posta como algo negativo. Mas ela só torna-se negativa quando posta aos termos morais da religião e do Estado. Sendo assim:

entendamos a crueldade humana, para além de qualquer compreensão moral, como impulso espontâneo do homem na expansão de sua força, segundo a vontade intrínseca à vida. Nesse sentido, vida é vontade de potência, constituída por impulsos eminentemente criadores (PEIXOTO, 2009, p. 63).

Portanto a crueldade, enquanto vontade de poder, livre dos pressupostos morais inseridos com a inserção dos ideais ascéticos e da consolidação do Estado, refere-se a desenvolvimento, criação, estando intrinsecamente ligada à constituição do homem e desenvolvimento do mesmo.

2.2 A causa secreta em Rosset

Dando continuidade ao nosso trabalho, refletimos neste tópico acerca dos conceitos discutidos por Clément Rosset a respeito da ‘crueldade’, que é o elemento norteador da nossa análise. Para isso, utilizaremos as reflexões apresentadas por Rosset em seus livros *O Princípio de Crueldade e Lógica do Pior*; porém, poderemos trilhar por alguns pontos apresentados em outras obras escritas por ele, caso encontremos convergência entre os temas no decorrer deste tópico.

Em seu livro, o autor francês realiza sua discussão propondo dois princípios fundamentais para a reflexão do tema da crueldade: ‘o princípio de realidade suficiente’ e ‘o princípio de incerteza’.

No primeiro princípio Rosset discute acerca da suficiência do real, apontando a crueldade que faz parte desse conceito. Ele fala sobre os posicionamentos de alguns filósofos perante a forma como lidamos com o real. O autor apresenta a diferença existente entre o olhar da filosofia e o olhar das ‘teorias’ não filosóficas, que seria, resumidamente, o fato de a arte, ciência, literatura, história – entre outros – terem em vista a análise de um objeto em

Aristóteles. Portanto, no texto, a expressão ‘vontade de potência’ ocorrerá apenas em decorrência de citações.

particular, enquanto a filosofia se propõe a dar conta do conjunto de todos os objetos existentes.

Repito, esta não consiste essencialmente em ser mais ‘teórica’ ou ‘abstrata’ que uma outra, mas em ser mais geral: em ser uma teoria da realidade geral e não uma teoria de tal ou tal realidade particular (ou conjunto de fatos particulares) como o são por exemplo um quadro, um romance, um teorema matemático ou uma lei física (ROSSET, 1989b, p. 4).

E dentro dessa discussão acerca da filosofia tratar a realidade enquanto conjunto de fatos, Rosset aborda um tema que, segundo ele mesmo, “aparece como uma inconveniência maior aos olhos de todos os filósofos – todos ou quase” (ROSSET, 1989b, p. 6). E esse tema corresponde ao pensamento da ‘realidade suficiente’, que vai de encontro à ideia de que a realidade é insuficiente, e que a filosofia só poderia levá-la em conta por intermédio de fatores externos a ela mesma.

O pensamento de uma insuficiência do real – a ideia de que a realidade só poderia ser filosoficamente levada em conta mediante o recurso a um princípio exterior à realidade mesma (Ideia, Espírito, Alma do mundo, etc.) destinado a fundá-la e explicá-la, e mesmo a justificá-la –. (ROSSET, 1989b, p. 6).

E certos filósofos teriam essa postura diante do real não porque seja impossível explicá-lo por ele mesmo, mas sim por ele ser cruel. Pois quando encaramos a realidade sem nenhum tipo de recurso, muleta ou distância, a mesma torna-se angustiante, cruel, real. “Assim, a realidade é cruel – e indigesta – a partir do momento em que a despojamos de tudo que não é ela, para considerá-la apenas em si mesma” (ROSSET, 1989b, p. 9).

A partir disso, é introduzida a reflexão sobre a duplicidade do real – ou a duplicidade da sua crueldade –, afirmando que a realidade é cruel em parte por ser cruel nela mesma, em parte por ser real – e por ser uma realidade imediata. A realidade tem seu caráter intrinsecamente cruel, porém o que a torna realmente cruel é o fato de ela ser inevitável. E isso se torna intragável quando lidamos com ela sem nenhum suporte externo, que tente justificá-la, amenizá-la, ou até mesmo, adió-la.

E esse primeiro capítulo é encerrado através de uma reflexão inspirada pelos conceitos de Nietzsche, no qual Rosset fala sobre a ligação entre real, cruel e moral. O autor francês incorpora à sua discussão o fundamento não-moral da moral, ao afirmar que “o que a moral censura não é, de modo algum, o imoral, o injusto, o escandaloso, mas sim o *real* – única e verdadeira fonte de todo escândalo” (ROSSET, 1989b, p. 16). Como afirmado no início do parágrafo, Rosset parte de conceitos nietzschianos para realizar a sua reflexão acerca da

ligação entre real, cruel e moral, já que para Nietzsche, a caracterização dos valores morais decadentes está justamente na não afirmação da vida enquanto vontade de poder. Sendo assim, esses valores são produtos da negação do real. Portanto, a moral escrava seria não mais que uma não afirmação da realidade.⁹

O segundo princípio da crueldade apresentado por Rosset é o ‘princípio de incerteza’, no qual ele aborda discussões relacionadas à crueldade que a incerteza ‘submete’ ao homem, já que o mesmo sente extrema necessidade de certeza. Certeza essa que remete no ser humano um sentimento de amparo, alívio, sentido para a vida, a qual serviria enquanto entorpecente diante de uma existência que nega a aprovação do seu caráter trágico. O que nos leva a pensar nas reflexões sobre ‘acaso’, elucidadas por Rosset em *Lógica do Pior*:

trágico, em todos os sentidos que lhe foram aqui reconhecidos, não designa nunca nada mais que o *acaso* [...] sob formas e em níveis diferentes. Perda, perdição, não-ser, desnaturalização, estado de morte são variações de um mesmo tema fundamental que se chama indiferentemente acaso ou trágico, e que designa o caráter impensável – em última instância – do que existe, quaisquer que sejam a estrutura e a organização (ROSSET, 1989a, p. 121, grifos do autor).

Seguindo, o autor traz o pensamento de que toda verdade é duvidosa, especialmente a verdade filosófica. Em seu texto, ele cita alguns filósofos para elucidar seu ponto de vista, afirmando que nenhum deles afirmaria com absoluta certeza sua teoria como uma verdade que não aceitasse qualquer tipo de refutação, uma vez que uma verdade, ao ser considerada incontestável, deixa assim de ser uma verdade filosófica.

Na medida em que a filosofia é uma ciência dos problemas insolúveis, ou pelo menos dos problemas não resolvidos como dizia Brunschvicg, as soluções que ela dá a seus próprios problemas são necessariamente e por definição duvidosas – a tal ponto que uma verdade que fosse certa deixaria, por esta razão mesma, de ser uma verdade filosófica, e que um filósofo que estivesse persuadido da verdade que propõe deixaria imediatamente de ser um filósofo... (ROSSET, 1989b, p. 21)

No segundo princípio ele também aponta uma distinção que há entre a filosofia e as outras ciências, que seria o que Rosset chama de ‘momento de verdade’. Esse termo refere-se a um determinado momento em que certo fato, ou certa ‘verdade’, realmente foi verdadeira. O autor afirma que toda a verdade das demais ciências está sujeita à contestação no que diz respeito à sua interpretação, porém a mesma é uma verdade por ter acontecido. Sendo assim, um fato ou teoria tem o seu ‘momento de verdade’. O momento de verdade correspondente ao

⁹ Mesmo que fuja ao escopo do nosso trabalho, vale aqui ressaltar que esse pensamento, na história da filosofia, teve início na realidade metafísica de Platão.

fato refere-se ao exato momento em que ele ocorreu; e em relação à teoria, a mesma é verdadeira no momento em que foi criada, concebida.

Elas são verdadeiras na medida em que foram verdadeiras em seu tempo e podem assim invocar, como diria Hegel, um certo ‘momento’ de verdade. Ora, o próprio das verdades filosóficas, diferentemente dos outros gêneros de verdade, é jamais poder invocar tal ‘momento de verdade’ (ROSSET, 1989b, p. 21, grifos do autor).

Então, para a filosofia e, conseqüentemente para Rosset, uma verdade que admite incerteza é uma verdade irrefutável. As certezas filosóficas são aquelas que admitem a dubiedade em suas teorias; uma vez que a partir do momento em que ela passa a ser ‘verdadeira’, a mesma perde o que a faz ser considerada verdade. “Pois uma verdade incerta é também e necessariamente uma verdade *irrefutável*: a dúvida não podendo nada contra a dúvida” (ROSSET, 1989b, p. 22, grifos do autor). E é justamente por isso que há a possibilidade de verdades filosóficas paralelas serem igualmente relevantes e válidas. Já que a semelhança entre elas é o seu cunho incerto; e que nenhuma é inversa à outra, mas são apenas diferentes.

A incerteza apresenta-se enquanto um ‘princípio de crueldade’ pois, segundo Rosset, o homem necessita da certeza; o que faz a incerteza adquirir um teor cruel perante o ser, pois, “se a incerteza é cruel, é que a necessidade de certeza é premente e aparentemente inextirpável na maioria dos homens” (ROSSET, 1989b, p. 27). E isso pode provocar no homem sofrimento – tanto por não saber lidar com esse sentimento – como também por ele mesmo buscar, muitas vezes, a esperança de pelo menos uma minguada certeza. E para isso o homem busca algo que represente ‘verdade’ para ele, e ele agarra sua ‘verdade’ e vai até o fim com ela, defendendo-a até mesmo com seu corpo, ou, mais longe ainda, com a sua própria vida.¹⁰

E a partir das duas temáticas discutidas até aqui e que Rosset aponta como os dois ‘princípios de crueldade’, partiremos para a reflexão de um ponto importante abordado pelo

¹⁰ É o caso do mártir, por exemplo, como afirma Rosset: “tocamos aqui em um ponto bastante misterioso e, em todo caso, ainda não elucidado da natureza humana: a intolerância à incerteza, intolerância tamanha que leva os homens a sofrerem os piores e mais reais males em troca da esperança, mesmo que vaga, de um pouquinho de certeza. Assim o mártir, incapaz que é de estabelecer e até mesmo de definir a verdade de que se pretende certo, decide-se a *testemunhá-la*, como indica a etimologia da palavra mártir, pela exibição de seu sofrimento: ‘Sofro, logo tenho razão’ – como se a prova do sofrimento bastasse para validar o pensamento, ou melhor, a ausência de pensamento, em nome da qual o mártir-testemunha se diz disposto a sofrer e morrer” (ROSSET, 1989b, p. 27, grifos do autor).

autor francês, e que se faz pertinente a esse trabalho. Nossa discussão agora se dará em torno do ‘trágico’.

Assim como Nietzsche, Rosset discute acerca da tragicidade que nos envolve e nos cerca. O trágico consiste em uma sucessão de acontecimentos que não nos possibilitam perspectivas de mudança, em um mundo que é cruel; e em um mundo onde qualquer conhecimento, certeza ou verdade, que possuímos ou acreditamos seja sem sentido, pois, como vimos acima, não existe verdade frente às teorias filosóficas. Então, mediante a tragicidade da vida, o homem tem duas opções de como lidará com seu curso trágico.

A primeira opção de caminho a ser traçado é o dos ‘homens de rebanho’, que seria aquele a ser percorrido com o auxílio de ferramentas e muletas que o auxiliarão durante todo o percurso, o privando de reconhecer e afirmar a vida em toda sua trajetória. E essa é a escolha à qual Nietzsche e Rosset desaprovam, uma vez que ela vai de encontro a toda filosofia dos dois autores, pois ao invés de ser uma ação de reconhecimento do trágico e afirmação da vida, consiste em uma ação de fuga, de não afirmação da mesma. É por esse motivo que os dois filósofos lidos nesse trabalho defendem uma aprovação incondicional da vida e do seu caráter trágico, em detrimento a não afirmação da mesma em sua totalidade. E esse homem de rebanho, para tentar evitar, adiar ou mascarar esses fatores cruéis, apoia-se em muletas que eles irão encontrar, principalmente, nas crenças; pois essa escolha é, aparentemente mais cômoda.¹¹

E isso corrobora com o pensamento de Rosset no terceiro apêndice do seu livro *Princípio de Crueldade*, intitulado *Seguro Total*, o qual ele inicia justamente com a reflexão acerca da ‘crença’, a qual é dotada de um ‘seguro total’, um seguro contra todos os danos possíveis que a incerteza pode nos apresentar, nos dando a falsa ideia de segurança, proteção, imunidade e certeza.

Por mais inverossímil e inacreditável que ela possa ser, a crença resiste entretanto vitoriosamente tanto aos esforços da psicanálise para modificá-la como aos da filosofia para compreendê-la. Ela é como uma fortaleza inexpugnável, capaz de frustrar toda possibilidade de ataque: dotada de um seguro total – nos dois sentidos do termo – que lhe permite afrontar serenamente toda questão e toda crítica, de qualquer espécie que sejam (ROSSET, 1989b, p. 49).

¹¹ Como afirma Resende: “à primeira vista, parece mais cômodo e sensato acreditar que os conhecimentos que adquirimos durante toda a vida são verdadeiros: ou cremos em nossas interpretações, ou aderimos àquilo que nos dizem, de uma forma ou de outra é a crença que mantém os homens de pé frente ao trágico, frente a essa perspectiva para além dos valores” (RESENDE, 2019, p. 4-5).

Então nossas crenças – sejam elas referentes aos conhecimentos, ideais religiosos, direcionamentos morais – associadas ao medo remetem o homem à escolha da comodidade e segurança ante a afirmação da vida, do trágico. O que o leva a manter-se domesticado e adestrado, impossibilitando-o de reconhecer a vida enquanto choque de pulsões que impulsionam o homem à criação e expansão. E ao fazer essa escolha, ele opta por um mundo criado pela sua mente a partir dos seus ideais, conhecimentos e crenças.

Já a segunda escolha que o homem tem frente ao caráter trágico corresponde à transvaloração da vida. Completamente oposta à escolha anterior, esta impulsiona o homem a reconhecer que a vida é cruel, é trágica, é um eterno ciclo sem sentido; mas a sua postura é diferente da assumida pelo homem de rebanho. Este posicionamento remete a ir além, criar, superar, elevar.¹²

E essa transvaloração aparece como uma forma de afirmarmos a vida, de dizermos: ‘sim!’ frente a tudo que a vida nos apresenta e nos remete; indo ao sentido oposto ao que as crenças, costumes e moral tentam nos apresentar e nos impor, como uma tentativa de escape para a tragicidade. Sendo assim, a transvaloração é a única forma de aceitarmos e assumirmos o teor trágico da vida, já que a mesma não possui qualquer roupagem que tente disfarçar ou amenizar sua real forma, que é nua, sendo assim, crua, não permitindo qualquer disfarce ou fuga, já que:

cruor, de onde deriva *crudelis* (cruel) assim como *crudus* (cru, não digerido, indigesto) designa a carne escorchada e ensanguentada: ou seja, a coisa mesma privada de seus ornamentos ou acompanhamentos ordinários, no presente caso a pele, e reduzida assim à sua única realidade, tão sangrenta quanto indigesta (ROSSET, 1989b, p. 9, grifos do autor).

Esse posicionamento de transvaloração frente à aprovação da vida em toda a sua plenitude é algo que Rosset assumiu em comum com Nietzsche, já que toda a discussão realizada neste capítulo caminha em direção de convergência a um dos conceitos: o de vida enquanto vontade de poder. Pois Rosset desenvolve sua filosofia afastando-a dos conceitos morais, ideais ascéticos – entre outros –, que corroboram para a criação e manutenção de homens de rebanho. Sua escrita filosófica desenvolve a ideia de vida enquanto o choque de diversas pulsões, as quais possibilitam a vida enquanto um processo de criação, de inovação.

¹² Como afirma Resende, “o termo transvaloração remete à noção de superação: transvalorar é superar, transcender, ou elevar-se para além dos valores, é tornar-se extramoral; em suma é estar fora do registro da moral dos homens domesticados, aqueles afeitos às regras e costumes dominantes de seu meio” (RESENDE, 2019, p. 12).

E isso só é possível através da afirmação da mesma em consonância com a aceitação do trágico, com uma aprovação irrestrita da vida, com todos os seus elementos dolorosos, cruéis e até mortais. Não vendo a escolha trágica como um alívio para as dores que a vida pode causar, mas como aceitação e afirmação das mesmas.

Portanto, a partir das teses abordadas por Nietzsche e Rosset, as quais foram discutidas no presente capítulo, pudemos perceber as fundamentações da moralidade, bem como da culpa, da dor, da má consciência. As quais nos permitiram averiguar seus respaldos nas manifestações – as que são vistas enquanto cruéis – humanas. Por conseguinte, no capítulo que se segue, realizaremos uma possível análise do conto *A Causa Secreta*, examinando seus personagens, bem como suas ações e relações, utilizando as interpretações dos seus desenhos psicológicos a fim de investigar e compreender como a crueldade pode se manifestar na condição humana.

CAPÍTULO III - A Causa Revelada

Partindo das discussões realizadas nos capítulos anteriores, realizaremos neste a análise do conto *A causa secreta*, de Machado de Assis. Através dos conceitos abordados por Nietzsche e Rosset – em suas respectivas obras *Genealogia da Moral* (dissertações 01 e 02) e *Aurora; e O Princípio de Crueldade e Lógica do Pior* –, faremos uma possível leitura dos traços psicológicos dos personagens Garcia, Maria Luísa e, principalmente, Fortunato; desvelando seus desenhos psicológicos e sua ‘causa secreta’.

A pertinente relação entre as obras filosóficas selecionadas e a obra literária se dá, primeiramente em como os filósofos lidos tratam e discutem as temáticas referentes à crueldade, à moral, ao sadismo, às crenças, aos ideais, etc. E essas temáticas permeiam todo o conto machadiano, bem como seus personagens, tanto em seus traços psicológicos, quanto em suas relações – consigo mesmos, com os outros personagens e com toda a sociedade.

3.1 A causa ainda secreta

Neste tópico realizaremos a análise da primeira metade do conto, que corresponde àquela em que ainda não desvendamos os desenhos psicológicos dos personagens e suas motivações e instintos ligados à crueldade; ainda estamos conhecendo-os e apresentando suas principais características e ações. Esse primeiro momento corresponde ao período do início do conto até a parte que antecede a cena ‘sádica’ com o rato – à qual chamaremos, por vezes, de ‘cena empurradora de ferrolhos’. Sendo assim, a priori, tentaremos analisar a obra machadiana seguindo a ordem cronológica utilizada pelo autor. Ressaltando que o conto não segue uma ordem linear de tempo, pois o narrador realiza recortes temporais, nos quais há um ir e vir no tempo dos acontecimentos, iniciando a história com um *flashback*.

Portanto, iniciaremos pelo título: *A causa secreta*. O qual já nos evidencia tanto a ironia da narrativa quanto sua ligação à estética da crueldade, no que diz respeito à real causa, à real motivação, que o leitor virá a perceber ao decorrer do texto. Enquanto a “cortina de ferro que confunde a realidade” (ROSSET, 1989b, p. 37), vai cedendo ao decorrer da obra. Sendo removida completamente ao final do conto, quando descobrimos a real ‘causa secreta’ que explica o motivo do marido vendar-se para um possível romance entre seu amigo e sua esposa.

Avançaremos então do título ao primeiro parágrafo, no qual já nos são apresentados os três principais personagens da história. E, logo após nos apresentar seus personagens, o

narrador, utilizando a ironia própria de uma obra machadiana, já começa a nos imergir em um universo que reflete seus componentes sádico e cruel, através do seguinte trecho: “como os três personagens aqui presentes estão agora mortos e enterrados, tempo é de contar a história sem reбуço” (ASSIS, 1994, p. 19). Ao ler esse excerto, já sentimos o sadismo que está à nossa espera. Isso se dá tanto pela forma que o narrador trata a morte dos personagens, quanto pelo *flashback* utilizado por ele como ferramenta.¹³

Prosseguindo em nossa análise, já que “tempo é de se contar a história sem reбуço” (ASSIS, 1994, p. 19), partiremos para o momento em que Fortunato e Garcia começaram a se conhecer, como nós também a conhecê-los. Destacamos o terceiro encontro dos personagens, que acontece após um colega e vizinho de Garcia sofrer um ataque e ser socorrido gravemente ferido. Atrás do ferido entrou Fortunato, demonstrando bastante preocupação e tomando controle da situação, mesmo não sendo parente do ferido ou médico (ASSIS, 1994, p. 20).

Com esse episódio, destacamos a passagem de *Genealogia da Moral*, em que Nietzsche traz à discussão o prazer e o teor festivo do ver e fazer sofrer. Na passagem podemos destacar dois motivos que podem ter feito Fortunato cuidar do doente que nem sequer conhecia: 1º. Pelo seu prazer no ver sofrer: em ver o ferido em constante agonia devido aos seus ferimentos; 2º. Fortunato deliciava-se nessa confusão mental do parceiro de cuidados médicos. Pelo prazer em fazer sofrer, em estar ali, dia-a-dia com Garcia, enquanto o mesmo não se permitia um segundo de sossego, ao tentar analisar cada característica ou ação de Fortunato. E esse é um reforço à tese de Nietzsche, quando o mesmo diz que:

ver-sofrer faz bem, fazer-sofrer mais bem ainda – eis uma frase dura, mas um velho e sólido axioma, humano, demasiado humano (...). Sem crueldade não há festa: é o que ensina a mais antiga e mais longa história do homem – e no castigo também há muito de *festivo* (NIETZSCHE, 1998, p. 56, grifo do autor).

Após alguns encontros repentinos, aconteceu então a primeira – que viria se tornar algo rotineiro – visita de Garcia à família Fortunato. Já se percebe logo de início que a atenção do médico, que antes era voltada unicamente para Fortunato, neste momento estava sendo direcionada também a Maria Luísa. Agora o médico tinha dois ratos de laboratório para analisar. Garcia inicia sua leitura de Maria Luísa, mas não abandona a de Fortunato.

¹³ Mesmo que não faça parte, de maneira direta, dos conceitos abordados nesse trabalho, acreditamos ser pertinente trazer a relação que se dá entre o uso do *flashback* ao princípio de ‘incerteza’, elucidado por Rosset, pois o mesmo afirma que “todo fato, por mais simples e evidente que seja no momento de seu acontecimento, torna-se incerto e vago desde que este, uma vez passado, encontra-se convocado ao tribunal da justiça ou da memória coletiva” (ROSSET, 1989b, p. 20).

Devido à crescente frequência das visitas, foi-se criando certa familiaridade entre o casal e seu amigo. Sendo assim, laços entre os mesmos foram se estreitando, principalmente entre Garcia e Maria Luísa. O que na primeira visita era um forte interesse vai se transformando em um sentimento de encanto, até se tornar amor (ASSIS, 1994, p. 21).

Entretanto Maria Luísa, como já sabemos, era casada e tinha para com o marido sentimentos – um amor – que “transcendiam o respeito e confinavam na resignação e no temor” (ASSIS, 1994, p. 21). Talvez por isso, ela não correspondeu ao sentimento de seu admirador, seja em forma de reciprocidade ou de recusa, mas apenas indiferença, já que “Maria Luísa compreendeu ambas as coisas, a afeição e o silêncio, mas não se deu por achada” (ASSIS, 1994, p. 21). E Garcia, como era um homem – que, mesmo com a escassez de características psicológicas ou morais, podemos perceber – ‘íntegro’, tentou extinguir seu sentimento assim que o percebeu.

Porém, analisemos mais a fundo essa atitude do (não) casal Maria Luísa e Garcia: em um primeiro momento a enxergamos enquanto escrúpulo ou moralidade dos dois. Porém qual seria a real motivação, a mola impulsora para que estes ideais e essas ações surgissem? Essa reflexão nos remete à discussão de moralidade proposta por Nietzsche em *Genealogia da Moral*, na qual o filósofo traz o ‘verdadeiro’ fundo da moral, que é um não-moral. Percebemos que Garcia, apesar de seu claro interesse pela esposa do amigo não reage de maneira que afirme e concretize esse seu sentimento. Muito pelo contrário, ele o guarda para si. E isso se dá pelo sentimento de culpa que é imposto aos homens, ao não poder dar vazão aos nossos desejos, sentimentos e impulsos. E essa culpa nos é imposta sempre que temos a involuntária pulsão de dar vazão aos nossos mais humanos e reais desejos, pois esses impulsos são justamente o que os ideais morais e ascéticos condenam, julgando enquanto errados, impuros, imorais. Vemos aqui a doutrina do ‘livre arbítrio’, onde o indivíduo sente, reconhece esse sentimento e tem o poder de escolha em como agir diante do sentimento, porém escolhe negá-lo ao invés de afirmá-lo.¹⁴

Assim como afirma Nietzsche em *Aurora*, no § 13:

... — e que poderia haver de mais nefasto e mais irrazoável que interpretar a causa e o efeito como causa e como punição! — Mas muito pior que isso foi feito ainda, os acontecimentos puramente fortuitos foram privados de sua inocência, servindo-se dessa maldita arte de interpretação por meio da idéia

¹⁴ “Mas a inserção da doutrina do livre arbítrio no âmbito da moral cristã ocorre no momento em que o indivíduo passa a se sentir culpado não só pelas coisas que faz, mas também por ter se tornado aquilo que é. A culpa torna-se eterna, a dívida impagável, o pecado irremissível. O homem passa a sofrer consigo mesmo e torna-se culpado pelo próprio sofrimento” (MELO, 2014, p. 108).

de punição. A loucura foi impelida até mesmo o ponto de levar a ver na própria existência uma punição (NIETZSCHE, 2004, p. 30).

Partindo da discussão proposta sobre culpa e da citação de *Aurora*, podemos perceber uma clara exemplificação do que seria má consciência para Nietzsche. Já que ela é uma consciência que se volta para o indivíduo através do sentimento de culpa que lhe é imposto. Isso fica evidente no conto quando o narrador fala que Garcia, ao perceber seu sentimento por Maria Luísa “quis expeli-lo para que entre ele e Fortunato não houvesse outro laço que o da amizade; mas não pôde. Pôde apenas trancá-lo” (ASSIS, 1994, p. 21). O jovem Garcia, ao reconhecer seu impulso ao amor, julga-se enquanto ‘errado’, enquanto ‘imoral’, pois ele não pode possuir esse sentimento. Não pode, pois a moral social não o permite, já que a moça é casada. E isso faz com que ele se sinta culpado pelo inocente, espontâneo e inevitável sentimento que surgiu. Tanto que sua primeira reação foi tentar expeli-lo, lançar fora de si, porém, não o podendo fazer, faz o movimento contrário, o de “trancá-lo” (ASSIS, 1994, p. 21), de internalizá-lo, de voltar para si, que é justamente uma definição da má consciência: um sentimento que exige vazão, sendo voltado para dentro.^{15 16}

3.2 A cena empurradora de ferrolhos

Neste subcapítulo, analisaremos a cena na qual Fortunato tortura o rato em seu escritório. Episódio que nos proporcionará o início da leitura dos desenhos psicológicos traçados no tópico anterior.

Chegamos, então, ao incidente que precede a cena inicial do conto: a tortura do rato. Cena que Maria Luísa presenciou, deixando-a bastante aflita e mal conseguindo respirar, demonstrando estar também atordoada, pois a únicas palavras que ela conseguira proferir foram: “O rato!” (ASSIS, 1994, p. 22), repetidas vezes. Esse estado de espírito da frágil moça se deu pelo fato de que, pela primeira vez, ela pôde ver o verdadeiro homem com quem

¹⁵ Conforme citação NIETZSCHE, 1998, p. 73.

¹⁶ Trago aqui a reflexão a respeito de outra hipótese do por que Garcia, ao reconhecer o sentimento de afeição, “quis expeli-lo” (ASSIS, 1994, p. 21). Se foi realmente pela ‘amizade’ que tinha para com Fortunato, pois, a meu ver, a relação dos dois era apenas devido à sociedade na casa de saúde e a saciedade do seu exercício de decifrar homens. Já que, em uma de suas visitas, o pensamento que lhe sobressaltou foi: “Singular homem!” (ASSIS, 1994, p. 03). E, para montar seu quebra-cabeça psicológico sobre Fortunato e continuar recebendo as peças para finalizá-lo, ele precisaria conter seus sentimentos para com Maria Luísa.

casara. Com isso, a cortina de ferro e o ferrolho que a protegiam da verdade do real homem com quem se casara foram, respectivamente, derrubada e empurrado. Sobre as alusões feitas,

dir-se-ia que é empurrado um ferrolho que bloqueia toda informação e opõe vitoriosamente uma ausência de percepção às evidências mais tangíveis e mais manifestas. Ou ainda que desceu uma cortina de ferro que confunde a realidade, exatamente como o fechamento súbito de um museu ou de um botequim expulsa sem consideração o visitante retardatário: ‘Fechou, terminou, vá embora’. Querendo fazer valer seus direitos legítimos de ser percebida, a realidade incorria no mesmo fracasso que o visitante que pretendia forçar a entrada do museu ou do botequim (ROSSET, 1989b, p. 36).

Logo após o encontro com Maria Luísa, Garcia chega à porta e vê algo que o choca profundamente, pois “estava longe de esperar o que viu” (ASSIS, 1994, p. 22).¹⁷ E este acontecimento expôs o médico à mesma consequência que à Maria Luísa: a cortina de ferro caiu.¹⁸ Segundo Clément Rosset: “A realidade é cruel – e indigesta – a partir do momento em que a despojamos de tudo que não é ela para considerá-la apenas em si mesma” (ROSSET, 1989b, p. 10). Ou seja, a crueldade por trás das ações de Fortunato sempre esteve presente. Porém, nas ocasiões anteriores, ela vinha com uma moldura do ‘fazer o bem’. Moldura essa que, por ser mais atraente perante os olhos dos nossos personagens – e aos nossos também –, serviu como uma cortina, ou um ferrolho, desviando os olhares do que era retratado em seu enquadramento. O que nos trás a reflexão acerca do conceito de ‘inobservância do real’, elucidado por Rosset em seu apêndice correspondente ao princípio de ‘realidade suficiente’. No qual o mesmo discute sobre a resistência intrínseca do ser humano à aceitação do fato se sobrepôr à opinião.

Pois se há uma faculdade humana que merece atenção e assemelha-se ao prodígio, é realmente essa aptidão, particular ao homem, de resistir a toda informação exterior quando esta não concorda com a ordem da expectativa e do desejo, de ignorá-la se for preciso e a seu bel-prazer; admitindo a possibilidade de opor a ela, se a realidade insiste, uma recusa de percepção que interrompe toda controvérsia e encerra o debate, naturalmente às custas do real (ROSSET, 1989b, p. 35).

¹⁷ Podemos destacar neste trecho a descrição que Garcia faz de Fortunato ao vislumbrar a tortura que ele mesmo aplicava ao rato. O narrador compara seu vislumbre ao de alguém que contempla uma produção artística. Pois bem, Fortunato estava também a contemplar uma obra de arte; e seu vislumbre é maior ainda por ser uma obra autoral.

¹⁸ Acreditamos ser pertinente – devido às nossas discussões a respeito da moral em relação ao cristianismo – a analogia com a passagem bíblica que nos remete ao véu, rasgando-se em duas partes, representando a morte de um homem que, aparentemente – deixo aqui à escolha do leitor o julgamento da validação do uso do advérbio apenas ao personagem machadiano – dedicou boa parte de sua vida a ajudar os necessitados e enfermos (BÍBLIA, 1988 Mateus, 27: 51 - 54). No entanto, nesse nosso caso, a consequente renovação que se deu após a queda da cortina de ferro não é sinônima à do rasgo do véu.

Portanto, nesse momento, três ferrolhos foram empurrados: o de Maria Luísa, o de Garcia – que possuía um ferrolho maior que todos os outros, por possuir a faculdade de decifrar homens –, e o do leitor. O ferrolho de Garcia, mesmo ele tendo a habilidade da análise psicológica humana, é entendível. Pois o mesmo, enquanto um homem observador, sempre foi capaz de entender as ações de Fortunato, porém incapaz de admitir. Isso porque aceitar pesa mais do que entender.¹⁹

Agora que abrimos nossos ferrolhos e reavemos nossa faculdade de percepção, vale elencar algumas situações nas quais os impulsos cruéis e sádicos de Fortunato estiveram presentes, até o episódio citado anteriormente: no teatro, demonstrando exacerbada atenção às cenas nas quais havia “lances dolorosos” (ASSIS, 1994, p. 19); maltratando os cães que apenas dormiam: “Ia devagar, cabisbaixo, parando às vezes, para dar uma bengalada em algum cão que dormia; o cão ficava ganindo e ele ia andando” (ASSIS, 1994, p. 19); ajudando Gouveia mesmo sem o conhecer e abandonando-o subitamente, quando o mesmo já não apresentava mais sofrimento (ASSIS, 1994, p. 20); desdenhando de um acontecimento trágico e traumático que ocorrera com Gouveia: “– Cuidado com os capoeiras! Disse-lhe o dono da casa, rindo-se” (ASSIS, 1994, p. 20); “acompanhava os enfermos em situações de mais dor, como os cáusticos” (ASSIS, 1994, p. 21); e, por último – em um episódio que remete ao velho ditado ‘matar dois coelhos com uma cajadada só’ –, maltratou animais, o que resultou em sofrimento à sua esposa. Episódio que o fez executar dois coelhos (ASSIS, 1994).

Você pode estar agora nos acusando de lhe apresentar tautologias. Porém, iremos justificar a nossa possível redundância, e esperamos que após ler o ponto de vista apresentado, pelo menos o considere como plausível. Ou até mesmo como redundante; só esperamos que o considere coerente. Apresentaremos um conceito com duas vertentes: vamos retomar o conceito apresentado por Rosset da distinção entre as abordagens da literatura e da filosofia frente aos fatos que compõem a realidade.

A literatura, dentre outras “‘teorias’ não filosóficas se ocupam do seu detalhe” (ROSSET, 1989b, p. 4, grifo do autor) em cada objeto, acontecimento ou fato em particular. Sendo assim, ao analisarmos o personagem Fortunato de acordo com as teorias literárias, poderíamos realizar duas distintas leituras dos fatos citados acima. Caso analisássemos pelo

¹⁹ Para reforço e melhor alusão à essa ideia, separamos as seguintes citações, que estão presentes no *Princípio de Crueldade*: “deve-se observar, com efeito, que se a faculdade intelectual de compreender e a faculdade psicológica de aceitar são, no homem, igualmente limitadas e definitivamente débeis, a falta da segunda pesa infinitamente mais do que a falta da primeira” (ROSSET, 1989b, p. 11); “... endereçando uma informação confidencial a um terminal incapaz de recebê-la, de dominá-la e de integrá-la a seu próprio programa: revelando

viés das suas boas ações praticadas, teríamos o retrato de um homem que condiz com os valores e padrões sociais que se é esperado de um cidadão; veremos um homem possuidor da moral. Porém, se o analisarmos por outro viés, o que remete ao seu impulso e práticas sádicas e cruéis, o percebemos enquanto um homem ‘mau’, um homem imoral, que se distancia dos pressupostos e ideais que se é esperado do mesmo. Entretanto, ao realizarmos qualquer uma dessas duas análises, não teríamos o retrato fiel de quem é o real Fortunato. Pois ele não é um, ou outro, mas os dois em sua totalidade e fusão.

Já em relação à análise filosófica, o autor francês diz que a filosofia consiste “em ser uma teoria da realidade geral e não uma teoria de tal ou tal realidade particular (ou conjunto de fatos particulares) como o são por exemplo um quadro, um romance, um teorema matemático ou uma lei física” (ROSSET, 1989b, p. 04). Pois, “trata-se para o filósofo de dar conta de um olhar que tem por objeto não tal ou tal coisa, mas toda a espécie de coisas, incluindo as que se situam fora do alcance de sua percepção...” (ROSSET, 1989b, p. 4).

Sendo assim, diferente da literatura, a análise filosófica não se encarregará de dar conta de uma ou outra ação de Fortunato, mas do seu conjunto de ações, as relações entre elas e ao que elas nos remetem – um dos motivos pelos quais julgamos pertinente realizar este trabalho de análise literária utilizando fundamentos de teorias filosóficas.

Ao analisarmos a partir de conceitos filosóficos o personagem Fortunato e seu conjunto de atos ao longo do conto, podemos perceber que o mesmo, desde o início do conto nos deu indícios de que teríamos uma ‘causa secreta’ a ser descoberta ao longo do texto. Vamos percebendo isso aos poucos e em cada ato seu, com o auxílio por vezes do seu amigo Garcia, que vai descrevendo e analisando cada ato de Fortunato. Nesse contexto faz-se necessário trazer novamente a discussão nietzschiana sobre o fundo não-moral da moral. Pois vemos em Fortunato um homem que reflete o padrão social imposto de cidadão íntegro, honesto e moral, que sempre procurou fazer o ‘bem’ ao próximo. E é exatamente isso que temos como alvo a ser alcançado, segundo os preceitos morais. Porém, qual a real motivação para esses atos? Fortunato reflete em sua totalidade o que Nietzsche traz em *Genealogia da Moral*, ao afirmar que: “nesta esfera, a das obrigações legais está o foco de origem desse mundo de conceitos morais: ‘culpa’, ‘consciência’, ‘dever’, ‘sacralidade do dever’ – o seu início, como o início de tudo grande na terra, foi largamente banhado de sangue” (NIETZSCHE, 1998, p. 55).

ao homem uma verdade que ele é incapaz de admitir, mas também, e infelizmente, muito capaz de entender” (ROSSET, 1989b, p. 14).

Fortunato é um homem inserido na ‘esfera das obrigações legais’, por isso precisa performar um cidadão moral. Porém, o fundo da sua moralidade está repleto de sofrimento, dor, sangue; e no prazer que ele sente ao contemplar esses impulsos que são componentes vitais de cada ser. Mas para que seja possível contemplar esses ‘fenômenos’, o mesmo precisa praticar as boas ações e o bem, que mascaram a moral, e, conseqüentemente, mascara a si mesmo.

Máscara essa que se faz necessária para que seja possível a convivência entre os personagens do nosso conto. Faz-se indispensável, pois temos em Garcia e Maria Luísa dois representantes do que tanto Nietzsche quanto Rosset denominam ‘homens de rebanho’. E esses seriam os homens que são incapazes de lidar com a vida em sua totalidade, reconhecendo e afirmando cada aspecto dela; e isso inclui seu caráter cruel. Eles precisam, além da máscara utilizada por Fortunato, de muletas e roupagens que os sustentem ‘disfarçando’ a vontade de poder que a vida, tanto representa, como exige de nós. Já o personagem Fortunato pode elucidar o homem ‘transcendente’, que, em oposição ao homem de rebanho, age em conformidade com a vida e suas pulsões. É aquele que reconhece a vida com seu caráter inelutável e cruel, enquanto choque de pulsões que configuram a vontade de poder que constitui a mesma.

Ele reconhece que a dinâmica da vida é composta de inúmeros impulsos que estão em constantes entrecosques. Entre esses impulsos estão justamente a dor, o sofrimento, a crueldade, a luta²⁰, a dominação, que reflete o teor trágico da vida; e a tragicidade é componente fundamental da existência humana. Sendo assim, é necessário que se assumam o trágico, que o tome para si, que o afirme, pois o mesmo faz parte do processo da vida. E a partir da ininterrupta dinâmica de impulsos surge o epifenômeno que se manifesta através das nossas ações. A vida, enquanto vontade de poder é somente e puramente isso: o viver do homem consoante à dinâmica de impulsos ininterrupta, afirmando a vida tal qual ela é; proporcionando criação, expansão, propagação.

Retomando a cena empurradora de ferrolhos, podemos perceber claramente a analogia entre a tortura do rato e experimentos científicos²¹. Todavia, trarei aqui uma possível releitura para adicionar à mencionada. Pois bem, nesta cena poderíamos dizer que Maria Luísa

²⁰ Como afirma Quincas Borba, outro ilustre personagem machadiano, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: “Vida é luta. Vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal” (ASSIS, 2005, p. 173).

²¹ Consideramos pertinente ressaltar nesta passagem do conto – através da analogia com experimentos científicos – um forte atributo naturalista, que é a sua relação com a ciência, já que uma das características do naturalismo é usar a ciência como ferramenta de compreensão e análise da sociedade, bem como da condição humana.

representa o rato (ser frágil e impotente), Garcia, por sua vez, assume dois papéis: o de líquido flamejante (uma das ferramentas utilizadas para a realização da tortura) e ele mesmo (uma pessoa que apenas observa do início ao fim, sem apresentar nenhuma reação relevante como ação). E Fortunato representa um papel biográfico. Para melhor entendimento, proponho uma paráfrase da cena:

‘Fortunato tem Maria Luísa – um ser totalmente indefeso – em suas mãos. Para torturá-la, ele ia lhe desmembrando dia após dia, através de cada uma de suas ações – ir trabalhar com doentes; seu desdém, tanto para com Gouveia quanto para com ela mesma; os estudos assassinos com animais, etc. –. O que, aos poucos, ia tirando-lhe seus componentes vitais. Entre cada movimento de Fortunato, ela era submetida às rotineiras visitas de Garcia, seu apaixonado não tão secreto. Pessoa que ajudou seu marido a conseguir algumas de suas ferramentas de tortura – ajudou na fundação da casa de saúde; estava diariamente em sua casa, submetendo-a ao sofrimento de um sentimento proibido –. Esse episódio que está sendo relatado neste momento representa o focinho do camundongo, último golpe desferido por Fortunato. E o encontro com Garcia, ao sair correndo do escritório, o último mergulho no líquido flamejante. E o médico – durante cada golpe aplicado pelo esposo da moça –, enquanto analisador, apenas analisava; o observador, apenas observava; intervindo apenas em um único momento: quando pede para Fortunato abandonar a prática dos seus estudos com animais – “Mate-o logo!” (ASSIS, 1994, p. 22) –. Ação totalmente inconsistente e inconclusiva.’

Na paráfrase realizada acima, fica evidente o caráter observador de Garcia. Porém suas observações não vêm acompanhadas de nenhuma ação. Poderíamos até dizer que o mesmo tem uma atitude de *voyeur* durante todo o conto. O que nos traz a hipótese de o mesmo também possuir a mesma característica sádica de Fortunato. Tendo em vista que, o mesmo possui a faculdade de desvendar homens, e durante todo o conto são dados indícios da conduta sádica de Fortunato. Porém, Garcia apenas observa, não apresentando nenhuma reação às ações do colega. Ele apenas assiste a todo o sofrimento, assim como Fortunato. Então Garcia também teria o impulso sádico? E o leitor, seria um terceiro? Pois em cada ato do conto vamos, através da lente de Garcia, desvendando a ‘causa secreta’; e a cada momento temos a escolha de encerrar a leitura. Porém, optamos justamente pela apreciação de toda a crueldade que o conto nos apresenta.

Ainda analisando a cena do rato, o último golpe desferido contra a frágil Maria Luísa foi algo que a pobre moça não pôde suportar. Logo após foi obtida a confirmação de que a

mesma teria sido acometida de tísica. O período correspondente ao intervalo entre o diagnóstico e sua morte exacerbou aflição e sofrimento. Nesse trecho do conto, vemos as duas únicas vezes em que Fortunato sentiu a dor sem a companhia de deleite. O primeiro momento foi quando a doença foi diagnosticada; e o segundo momento quando a morte foi confirmada (ASSIS, 1994, p. 23).

Cabe aqui a reflexão de um ponto apresentado por Rosset em seu ‘primeiro princípio de crueldade’. Ele fala sobre a duplicidade da crueldade do real, em que a realidade assume sua crueldade através de dois aspectos: por ser cruel e por ser real. A realidade por si só, enquanto componente da vida, possui seu caráter cruel, pois dela fazem parte a dor, o sofrimento, a tristeza. Porém Rosset traz à discussão seu caráter inelutável. Ela é cruel, pois acontece, e nada podemos fazer referente a isso; apenas aceitá-la e afirmá-la, pois a mesma é um componente da vida: “em outras palavras — e é justamente o que eu queria sugerir evocando a dupla crueldade do real —, parece que o mais cruel da realidade não reside em seu caráter intrinsecamente cruel, mas em seu caráter inelutável, isto é, indiscutivelmente cruel” (ROSSET, 1989b, p. 11).

Portanto, percebemos o primeiro princípio citado por Rosset no intervalo de tempo entre o atestado da doença até o seu fim. O primeiro momento em que ele se torna perceptível se dá no trecho: “Mas foi tudo em vão. A doença era mortal” (ASSIS, 1994, p. 23). Perceba que o narrador não abre lacunas para réplicas e nem para criação de possibilidades ou esperança, já que o mesmo descarta a opção vocabular ‘Mas a doença provavelmente a mataria’, por exemplo. Ele opta pelo emprego de uma frase que não admite qualquer tipo de expectativa: “A doença era mortal” (ASSIS, 1994, p. 23).

Após a diagnose da tísica, a moça passa por um período de tormento enquanto a doença vai alimentando-se dela e vai criando forças para cumprir seu objetivo. E nesse intervalo de tempo, percebemos que Fortunato não se separa da mulher em nenhuma ocasião, estando presente em cada momento de dor e sofrimento da esposa. Sendo assim, ela tornara-se a sua mais nova paciente. E ele, recobrando seus deleites sádicos e com seu “Egoísmo aspérrimo, faminto de sensações, não lhe perdoou um só minuto de agonia, nem lho pagou com uma só lágrima, pública ou íntima” (ASSIS, 1994, p. 23). Porém, logo seu êxtase transformara-se em martírio novamente, pois “só quando ela expirou, é que ele ficou aturdido” (ASSIS, 1994, p. 23). Tendo em vista que, a antes realidade remota, fez-se realidade imediata; portanto real, portanto cruel.

Nesse mesmo contexto torna-se plausível trazer novamente para a discussão o conceito de trágico. No último trecho citado, vemos uma jovem mulher, a qual possuía todas as qualidades morais que a sociedade espera que se tenha, pois a mesma “possuía ambos os feitiços, pessoa e modos. Era esbelta, airosa, olhos meigos e submissos” (ASSIS, 1994, p. 21). Podemos ainda atribuir a ela a ‘qualidade’ da fidelidade, pois a mesma – aparentemente – manteve-se fiel ao esposo até o momento de sua morte. Porém, mesmo com todas as suas qualidades morais, foi acometida de uma doença que elevou seu sofrimento a um nível extremo, até causar sua morte. Este recorte do trecho nos faz uma das mais fiéis alusões ao trágico que poderíamos ter. Percebemos aqui que, por mais que o homem seja ‘bom’ e ‘moral’, não há como escapar da tragicidade que compõe a vida; pois o trágico é intrínseco a ela, sendo assim, inevitável.

Após toda essa discussão, acredito ser pertinente a recuperação de três conceitos utilizados por Rosset em *O Princípio de Crueldade*, discutidos principalmente no 1º apêndice, intitulado *Inobservância do Real*. Os três conceitos são: loucura, besteira e alegria. Cada um dos termos pode ser aplicado a um dos principais personagens do conto, utilizando por parâmetro cada desenho psicológico traçado durante nossa discussão.

Iniciaremos com a relação do termo ‘loucura’ ao personagem Garcia, tendo em vista que o mesmo leva, de certa forma propositalmente, suas próprias mãos aos seus olhos, deixando apenas frestas entre seus dedos, as quais permitem transparecer apenas as imagens que ele se auto propõe enxergar acerca de Fortunato – suas ‘boas ações’ –. Porém, deixa encoberta a real motivação de tais ações do amigo, gerando assim uma alienação proposital do mesmo. Sobre essa loucura, Rosset diz que:

trata-se de grande alienação ou de ligeira neurose, confirma amplamente o fato: quando se encontra em séria dificuldade, o perturbado mental recorre infalivelmente a uma justificação absurda ou a um raciocínio imbecil (ROSSET, 1989b, p. 40).

Já à besteira, relacionamos a personagem Maria Luísa. Tendo em vista que o termo corresponde a uma cegueira não proposital – o que a difere da loucura – que a faz ignorar a realidade. Um retrato dessa suposição se dá, por exemplo, no trecho em que Garcia conta para a moça o caso do ferido Gouveia, no qual a reação da moça reflete sua besteira (ASSIS, 1994, p. 21). Analisando esse fragmento podemos interpretar que o fato de Maria Luísa não enxergar a verdade por trás das atitudes de seu esposo se dá por genuína inocência dela mesma, já que a besteira pode ser conceituada como:

uma tal cegueira é demasiado próxima do que se observa cotidianamente nas manifestações de demência fanática ou rancorosa para pretender constituir um gênero à parte, chamado besteira, que se definiria como cegueira inocente, limpa de toda suspeita de participação nos gêneros vizinhos da loucura e do ódio (ROSSET, 1989b, p. 40).

E por último temos o conceito de alegria. O autor francês nomeia como ‘alegria’ a capacidade de aceitar e se contentar frente à suficiência do real. Que é o que Fortunato pratica durante todo o conto, ao contemplar a realidade, afirmando-a perante si e perante as impulsões que a vida lhe projeta, tornando-se assim alegre, pois “o real basta e dele nada escapa, posto que é real. Cabe aos homens se contentar e esse contentamento, gratuito como a graça de que fala Pascal, é o que o autor chama de alegria” (ROSSET, 1989b, p. 02). Sendo assim,

deve-se observar que esta última faculdade, de saber sem sofrer — com este saber — dano mortal, está situada absolutamente *fora do alcance* das faculdades do homem, — a menos, é verdade, que nela se misture alguma assistência extraordinária, que Pascal chama de graça e que chamo, quanto a mim, a alegria. (ROSSET, 1989b, p. 13, grifo do autor).

E esse homem ‘alegre’, vive em consonância com a forma expansiva da vida, a vive de maneira transcendente. Pois o mesmo vive de acordo com a transvaloração proposta nos estudos dos dois filósofos lidos neste trabalho. E essa transvaloração é justamente o modo de viver que remete à superação, à criação, à elevação que a vida enquanto vontade de poder nos remete e nos exige.

3.3 A *Causa Secreta* revelada, nietzscheaneamente revelada, rossetianamente revelada

Sendo assim, neste último tópico do presente capítulo, concluiremos nossa análise ‘ao mesmo tempo’ em que o autor encerra o conto. No funeral de Maria Luísa, podemos ver o esquadramento completo do desenho psicológico de Fortunato, ao o observarmos e analisarmos seu modo de agir mediante ao que acontece na cena final.

Portanto, o encerramento da vida de Maria Luísa nos leva também ao encerramento do conto. O último acontecimento da história sucede-se justamente no funeral da moça. Nesse momento temos uma inversão de posições: o observador agora é Fortunato. Ele estava à porta a fitar Garcia, que “tinha-se chegado ao cadáver, levantara o lenço e contemplara por alguns instantes as feições defuntas. Depois, como se a morte espiritualizasse tudo, inclinou-se e

beijou-a na testa” (ASSIS, 1994, p. 23). E continuou a observar quando “Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver; mas então não pôde mais. O beijo rebentou em soluços, e os olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em borbotões, lágrimas de amor calado, e irremediável desespero” (ASSIS, 1994, p. 23).

Aqui vemos as características correspondentes ao segundo princípio elencado por Rosset no *Princípio de Crueldade*: o princípio de incerteza. Desde o início da convivência entre o casal e seu amigo, foi perceptível o sentimento que partia de Garcia para com Maria Luísa. Porém, nunca houve traços da existência de sua reciprocidade, o que insere Garcia – e também a nós – num lugar de incerteza. Temos apenas uma breve referência à possível relação através agora da lente de Fortunato, quando o mesmo está a observar a despedida dos dois: “Estacou assombrado; não podia ser o beijo da amizade, podia ser o epílogo de um livro adúltero” (ASSIS, 1994, p. 23). Porém, essa passagem apenas fortalece o sentimento de incerteza, já que a perspectiva do marido pode não ser a mais indicada para ser tomada como certeza. Pois, desprovida de fatos reais e concretos, serve apenas para fomentar a reflexão, e conseqüentemente, a dúvida – Machado não perde a oportunidade do uso desse artifício –. Sobre esse sentimento de incerteza vivenciado por Garcia, Rosset diz que “se a incerteza é cruel, é que a necessidade da certeza é premente a aparentemente inextirpável na maioria dos homens” (ROSSET, 1989b, p. 27).

Ainda referente ao último trecho citado, o narrador nos elucida a imagem de Fortunato contemplando a dor de Garcia, em que o primeiro “saboreou tranquilo essa explosão de dor moral...” (ASSIS, 1994, p. 23). Destaco a expressão “dor moral” e proponho uma reflexão acerca da escolha do termo. Fica evidente na passagem que Garcia estava sofrendo pela morte de Maria Luísa, conotando assim um sentimento de perda. Porém, o autor opta pelo uso da expressão “dor moral”, o que pode nos remeter novamente ao conceito de sentimento de culpa e, conseqüentemente, má consciência. Ele sofre por vivenciar um sentimento que não deveria; e por finalmente dar vazão ao impulso que esteve – por meio de extremo esforço e durante muito tempo – trancado dentro de si. Então ele sofre, sente a dor que os ideais morais nos imputam ao darmos vazão aos nossos impulsos.

Ao final do conto, nos sentimos da mesma forma que Fortunato se encontra: observando escondido atrás de uma porta. Observamos a sua frieza ao ver seu amigo e sua falecida esposa em um momento que remete ao questionamento da possibilidade de traição. E é justamente quando a ‘causa secreta’ é finalmente e totalmente ‘revelada’. Fortunato, ao ver o primeiro beijo dado por Garcia, apresentou um sentimento de ressentimento, pois até então,

ele estava presenciando os sentimentos de carinho, afeto e amor. Porém, quando Garcia dá o seu segundo beijo, que termina em lágrimas, muda seu aspecto, abandonando o ressentimento para dar lugar ao prazer. Pois agora ele presencia a dor de Garcia, saboreando-a.

Sendo assim, concluímos então que Fortunato não é um homem cruel, imoral ou mau; ele é apenas alegre. Ele contempla a vida conforme ela mesma nos pede para que façamos, reconhecendo-a e afirmando-a de maneira humana, muito humana, deliciosamente – e demasiadamente – humana.

Considerações Finais

No início deste trabalho, ao analisar a obra *A Causa Secreta*, surgiu o interesse de pensar, a partir de conceitos filosóficos, como a crueldade se manifesta na condição humana. Reflexão essa que se faz pertinente, pois, além de proporcionar um repensar de alguns conceitos que possibilitam entender o ‘agir cruel’, utilizar-se-ia desses mesmos conceitos para a compreensão de como podem se expressar na condição humana. Sendo essa uma proposta de grande relevância, uma vez que é fundamental um pensar e repensar constante da condição humana. E também pela contribuição acadêmica que este projeto pode acarretar aos estudiosos – tanto os das áreas literárias, quanto os da filosófica –, fazendo uma pertinente relação entre as teses de dois grandes filósofos e uma obra que funciona como retrato social e psicológico humano, a qual foi escrita por um dos maiores escritores mundiais: Machado de Assis. Sendo assim, no decorrer de todo o trabalho, foi proposta a reflexão acerca da percepção da possibilidade da manifestação da crueldade nas condições vitais humanas, através da análise do conto *A Causa Secreta*, de Machado de Assis. Objetivo esse que foi alcançado através da análise realizada durante o trabalho.

E, para que fosse possível atingir o objetivo central, foram propostas discussões referentes às teorias literárias que dizem respeito ao autor do conto, conhecendo-o através de uma breve apresentação biográfica, seguida de um breve estudo sobre sua escrita, focando no seu modo de escrever enquanto contista. Conhecendo por último o conto a ser estudado, fazendo uma síntese das suas estrutura e narrativa. E após realizar as discussões literárias, partiu-se para as referentes às teorias filosóficas. Para isso, foram tomadas por base as noções nietzschianas e rossetianas a respeito das pulsões vitais: crueldade, dor, força, dominação, sofrimento, etc., as quais possibilitaram atingir o segundo objetivo proposto no início deste trabalho, o de realizar uma caminhada por conceitos teóricos que se fazem pertinentes e essenciais para o entendimento da crueldade e da sua fundamentação.

Logo após, tinha-se por meta analisar o conto a partir das teorias – tanto literárias, quanto filosóficas – estudadas, verificando como elas poderiam influenciar os personagens da obra: traçando seus desenhos psicológicos a partir destas teorias, e analisando em como as características dos personagens descobertas poderiam induzir os personagens em suas ações e reações, e nos seus modos de se relacionarem. Metas que foram atendidas no capítulo três deste trabalho, ao realizar-se uma análise das personalidades de cada personagem, refletindo sobre suas ações e relações a partir das teses filosóficas abordadas.

Todo o roteiro trilhado permite algumas reflexões importantes para anexar à análise da crueldade. Percebeu-se através das leituras de Friedrich Nietzsche o fundo não-moral da moral. Foi discutida sua base originária, que está na dominação, na dor, na perda, no sofrimento. E a partir disso, pensar em como o ideal ascético se apropriou desses conceitos para domesticar o homem, através da inserção de um sentimento de culpa, que resultou na má consciência, a qual seria o processo doentio de voltar para si todas as pulsões vitais que exigem vazão, a qual seria a maior crueldade existente desferida contra o homem. Pensou-se então como o filósofo alemão afirma que esses processos deveriam ocorrer. Ele traz a ideia de vida enquanto ‘vontade de poder’, a qual vai de encontro à idealizada pelos ascéticos. Esse conceito nietzschiano consiste em um viver afirmativo, dando vazão às pulsões vitais que a má consciência induz a calar. Buscando sempre superação, criação, ascensão.

Ainda sobre as teorias filosóficas, foram estudadas também algumas teses do filósofo Clément Rosset. Às quais, em diálogo com as de Nietzsche, possibilitaram a reflexão sobre o teor trágico da vida, pensando em como o real e a incerteza operam enquanto agentes cruéis. A vida é trágica, pois remete a um *looping* infinito de dor, perda, sofrimento e acaso, o que o ser humano é incapaz de suportar. Sendo assim, o mesmo vive em constante busca por muletas que os auxiliem a prosseguir na tentativa de superar o trágico. Porém essas muletas os tornam ‘homens de rebanho’, uma vez que seguem ideais impostos que os fazem calar e estagnar diante de uma vida que pede por superação. Portanto, Rosset concorda com Nietzsche ao defender uma vida transcendente, a qual reconhece e afirma todas as pulsões que fundamentam a tragicidade da vida e do real, possibilitando assim uma vida ascendente.

Sendo assim, realizou-se um trabalho literário-filosófico analítico do conto *A Causa Secreta*, traçando e analisando os desenhos psicológicos de cada personagem, o que possibilitou a discussão a respeito da base originária da crueldade, bem como a possibilidade de sua manifestação na condição humana.

Referências

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Paulus, 2005

_____. **Várias histórias**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. v. II. <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000256.pdf>. Acessado em 20/09/2020 às 00:42h.

BÍBLIA, Português. **A bíblia sagrada: antigo e novo testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil, 2º edição. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 5º ed. São Paulo: Nacional, 1976.

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto e do conto breve e seus arredores. In: _____. **Valise de cronópio**. Trad. Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

_____. **Valise de cronópio**. Trad. Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

FRANÇA, V. S. A. **Da crueldade em Nietzsche**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2003. (Dissertação de mestrado).

LUCAS, Fabio. **O núcleo e a periferia de Machado de Assis**. Barueri, SP: Manole, 2009.

MELO, Igor Alves. Considerações sobre a noção de crueldade no Humano, demasiado Humano de Nietzsche. **Seara Filosófica**, N. 9, Verão, p.101-122, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal**. Tradução de Márcio Pugliesi. São Paulo: Hemus, 2001.

_____. **Aurora**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

_____. **Humano, Demasiado Humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.)

PEIXOTO, M. I. M. **Memória, crueldade e criação na perspectiva nietzschiana**. 2009. 100f. *Dissertação de Mestrado* – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

PIGLIA, Ricardo. Teses sobre o conto. In: _____. **O laboratório do escritor**. São Paulo: Iluminuras, 1994.

RESENDE, Leandro Santos. O trágico em Rosset. **Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência**, Rio de Janeiro, v. 12, nº 3, p. 11-39, 2019.

ROSA, Roberto Sávio. Nietzsche e as razões da culpa. **Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas**. v. 13, n. 24, jan./jun., p. 35-50, 2013.

ROSSET, Clément. **Lógica do pior**. Tradução de Fernando J. Fagundes Ribeiro e Ivana Bentes. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989a.

_____. **O princípio de crueldade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989b.

SARMENTO, Leila Lauar. **Português: literatura, gramática, produção de texto: volume único**/Douglas Tufano. São Paulo: editora Moderna, 2004.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. – 3^o ed. – São Paulo: 34, 1997.

SOARES, A. **Gêneros literários**. São Paulo: Ática, 1993.